

Gazeta das Aldeias

N.º 2637 • 16 DE ABRIL DE 1969



Sala

Est.

Tab.

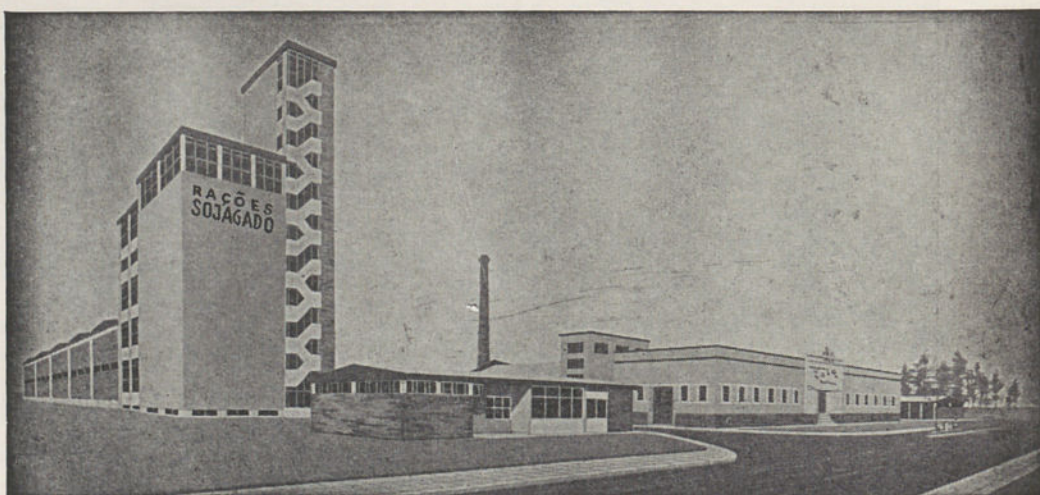
N.º

ALIMENTOS COMPOSTOS



SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA

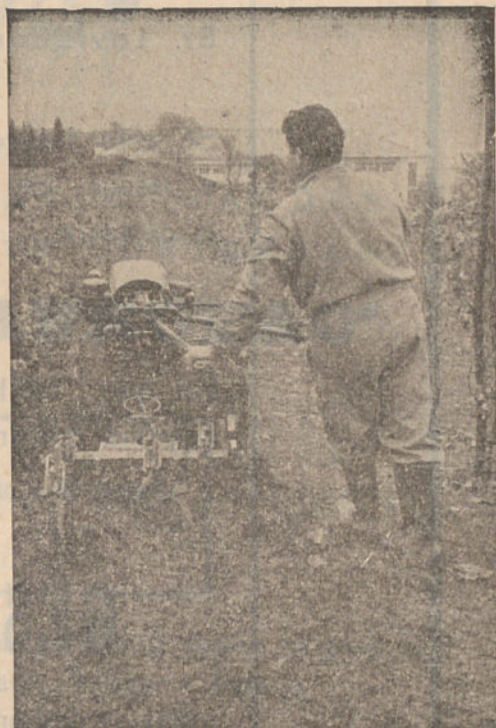


INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR



← *Na Lavoura*
BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares →
BUNGARTZ



← *Nos Transportes*
BUNGARTZ
(ISENTO DE CARTA)

1969

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3

Sr. Lavrador:

Se está interessado em economizar tempo
e pessoal nas culturas de **batata, cebola**
e **cenoura,**

Se pretende acabar com as sachas,

Se quer melhorar o seu rendimento com
aquelas culturas,

então o

GESAGARDE 50

torna-se indispensável.

Trata-se de um herbicida selectivo que
actua através das raízes e das folhas das
ervas daninhas.

Peça instruções a:

Carlos Cardoso - Anilinas e Produtos Químicos, S.A.R.L.

Rua do Bonjardim, 551—PORTO

Av. da República, 14—LISBOA

4411



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o Suplemento Alimentar que contém a Aureomicina* (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

DANDO RAÇÕES
QUE CONTENHAM

AUROFAC*

- 1.º Diminuição da mortalidade
- 2.º Aumento do índice de crescimento e de engorda
- 3.º Mais aumento de peso
- 4.º Menor consumo de ração

O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os animais atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo e poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações e será largamente compensado.

Peça ao seu fabricante, ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

Apresentação: **Aurofac 2A** — Sacos de 22,670 kgs. ou avulso

Aurofac 20 — » » » » » »

Aureo S. P. 250 — » » » » » »

* Marcas Registradas

Departamento Agro-Pecuário

CYANAMID

Cyanamid International

A Division of American Cyanamid Company
Wayne, New Jersey, U. S. A.

Representantes exclusivos para Portugal e Ilhas

Sociedade Farmacêutica Abecassis, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64 — Lisboa

3211

Evite as baixas motivadas pela coccidiose
e as suas consequências

Novastat "w"

Curativo energético, para aplicação na água de bebida das aves

Assegura-lhe tratamento eficaz, graças à sua
composição multi-específica, que garante o
controle das 6 espécies economicamente mais
importantes de coccídeos.



Proteja os seus bandos mantendo o mais alto grau
de sanidade nos pavilhões

Par-o-San

Desinfectante e Higienizante de composição polivalente

Destrói a flora bacteriana, fungos, bolores
e organismos de P. P. L. O.



SALSBURY LABORATORIES

Em Portugal:

4409

Mundinter

LISBOA

Av. A. A. Aguiar, 138 - Tel. 532131

PORTO

R. Júlio Dinis, 886 - Tel. 64107

PLATZ

A mais antiga e mais importante fábrica alemã especializada na construção de máquinas para tratamentos fitossanitários.

Pulverizadores
Atomizadores
Polvilhadores

Distribuidores Exclusivos:

Aguiar & Mello, L.^{da}

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

GAZETA DAS ALDEIAS

(129)



Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gaseificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.

Acido Cítrico * Acido Tartárico * Acido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spa-R * Bentonite «Volklay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfetante e descorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçol * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulos) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas (sólidas e líquidas)

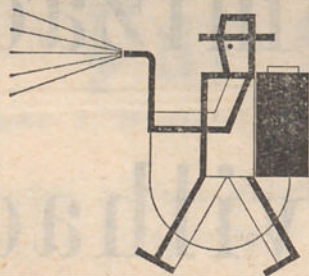
Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876



Polyram-Combi

Fungicida orgânico contra o míldio da vinha.



BASF Portuguesa S.A.R.L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5º
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 4399 p

**ganhe dinheiro
cultivando**

**MILHOS
HÍBRIDOS
CUF**



Escolha entre as variedades CUF a mais indicada



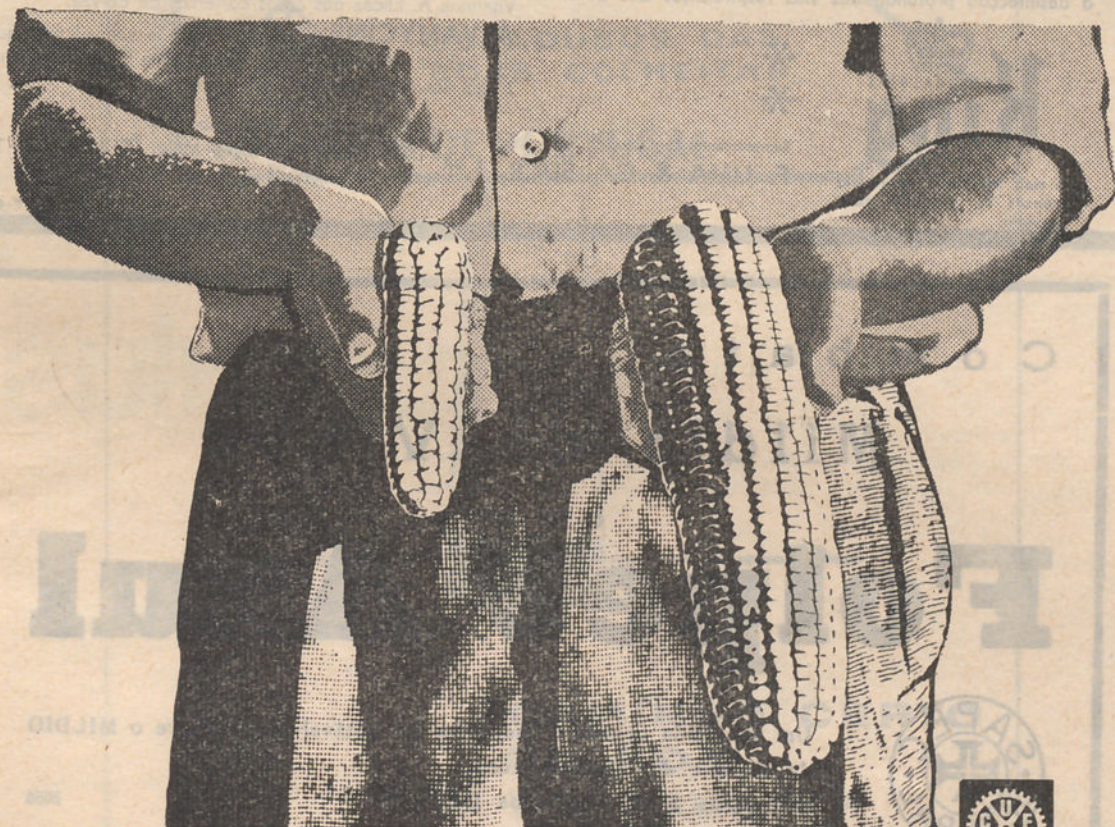
Adube à sementeira com FOSKAMÓNIO



Aplique em cobertura, à sacha UREIA



Faça os amanhos culturais, regas e tratamentos fitossanitários necessários



**MILHO HÍBRIDO CUF BEM CULTIVADO
É RENDIMENTO ASSEGURADO**



PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS DIRIJA-SE À DEPENDÊNCIA CUF MAIS PRÓXIMA

Companhia União Fabril — Avenida Infante Santo, 2 — Lisboa-3

um novo esquema para o tratamento da "CORIZA" e das doenças respiratórias das aves



AEROCILINE — Ultrasol preventivo das doenças respiratórias. A sua difusão no ar dos aviários assegura a desinfecção profunda das vias respiratórias das aves.

King
LABORATOIRE

o mais importante laboratório
francês de produtos para
pecuária.



Representantes em Portugal

F. LIMA & C.^A, SUCR, L.^{DA}

O TRATAMENTO PELOS ANTIBIÓTICOS

- por comodidade → Administração na água de bebida.
- por economia → a solução da Potencialização.

A Potencialização consiste em obter concentrações dos antibióticos no sangue 3 a 5 vezes mais elevadas, favorecendo a sua passagem através da parede do intestino.

Um novo processo de potencialização do laboratório King permite potencializar a actividade dos antibióticos sem modificar o regime alimentar e utilizando a água de bebida.

CORYCILINE — Potencializada e solúvel na água de bebida. Associação de Oxitetraciclina + Clorotetraciclina e Vitamina A. Eficaz nos casos correntes de coryza.

ALVAMYCINE — Potencializada e solúvel na água de bebida. Associação de Eritromicina + Oxazolidona. Eficaz nos casos agudos de doença respiratória.

Departamento Pecuário

Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.º - Lisboa 1
Telefone 44737

P-4

4403

C o m b a t a o

Míldio da Vinha

c o m

Folpec Azul



Um fungicida orgânico que, além do notável efeito sobre o MILDIO da vinha e de outras culturas, tem ainda acção contra os OÍDIOS

3686

PARA QUALQUER ESCLARECIMENTO CONSULTE OS
SERVIÇOS AGRONÓMICOS DA

Lisboa
Rua Vítor Cordon, 19
Telef. 366426

SAPEC

Agência no Porto
R. Sá da Bandeira, 746-1.º Dt.º
Telef. 23727

**PROTECÇÃO TOTAL
DAS SUAS CULTURAS,
COM PESTICIDAS**

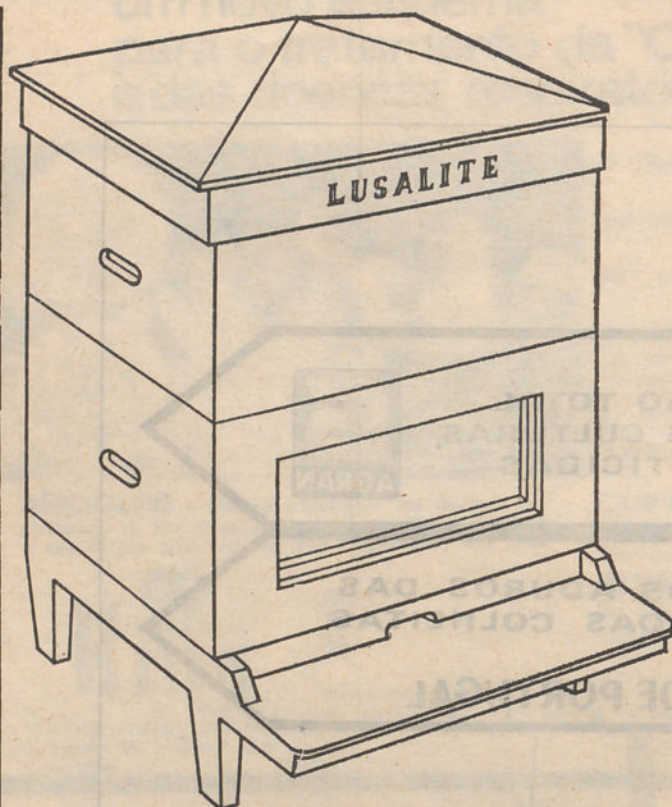


**OS ADUBOS DAS
BOAS COLHEITAS**

NITRATOS DE PORTUGAL

**CAMINHO CERTO
DO BOM
AGRICULTOR**

4885



Colmeias **LUSALITE**

em

TRÊS MODELOS:

Prática * Reversível e Lusitana

A gravura representa uma colmeia «REVERSÍVEL» com iluminação natural.

Trata-se de uma colmeia com uma janela de vidros duplos que facilita a penetração dos raios solares no ninho da colmeia.

A acção benéfica exercida na «MESTRA» facilita o desenvolvimento do enxame.

Atingem-se produções muito maiores do que as obtidas em colmeias sem iluminação.

Peça tabelas à

LUSALITE

Soc. Portuguesa de Fibro-Cimento, S. P. A. L.

Rua de S. Nicolau, 123

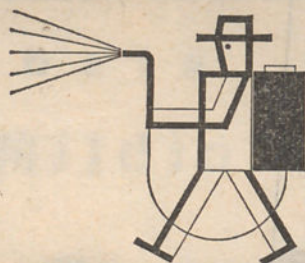
Telef. 322091

LISBOA-2

R. S.to António, 15-7,º — PORTO

ou aos seus Revendedores, estabelecidos nas principais praças do País

4407



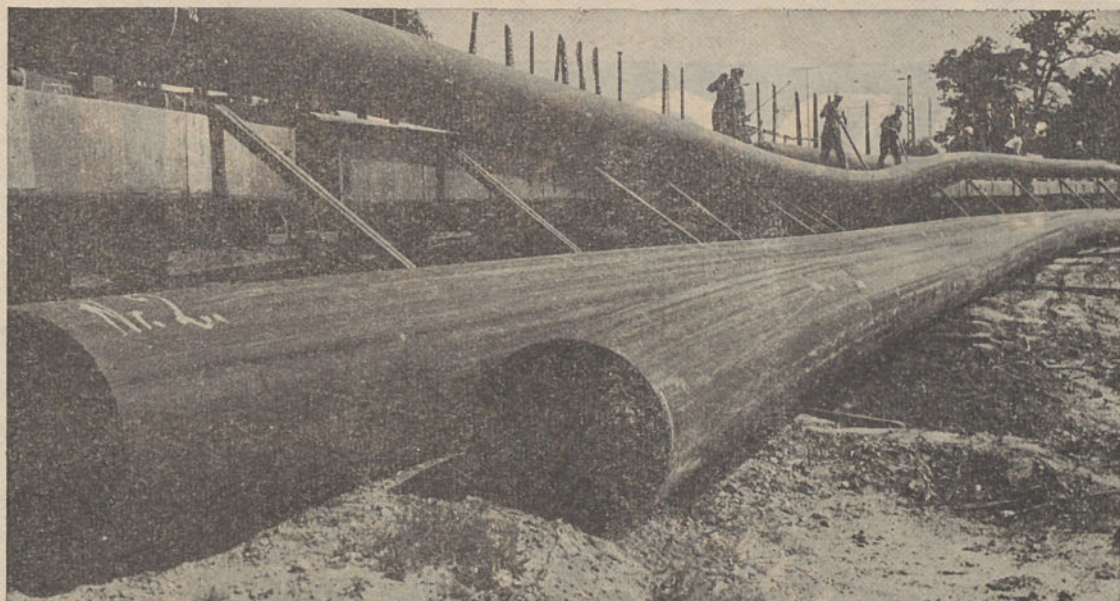
Kumulus®

Enxofre molhável de alta concentração contra o oídio.



BASF Portuguesa S. A. R. L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5º
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117-19

BASF



TUBOS LEVES • VANTAGENS CONCRETAS

CARACTERÍSTICAS

Os tubos de **HOSTALEN** são fabricados com o Polietileno de Alta Densidade da Farbwerke Hoechst AG.. São leves, flexíveis, mas duros e resistentes a corrosão e às temperaturas árticas ou tropicais.

INSTALAÇÃO

É rápida, simples, sem problemas de transporte.

UTILIZAÇÃO

- Em qualquer terreno: pântano, floresta ou terreno rochoso.
- Encanamentos de sifões debaixo de rios, canais e braços de mar.
- Tubulações para água potável e industrial sob pressão, na construção civil e para a agricultura.
- Instalações de ventilação.

SE TIVER ALGUM PROBLEMA QUE QUEIRA RESOLVER
COM TUBOS DE **HOSTALEN**, CONSULTE:

F A C A R

Fábrica Nacional de Tubos Metálicos

Telef. 931191

LEÇA DA PALMEIRA

FAPOBOL

Fábrica Portuense de Borracha, Lda.

R. Domingos Machado, 64 - Telef. 61125

PORTO



FARBWERKE HOECHST AG. - FRANKFURT (M)

HOECHST PORTUGUESA, S.A.R.L. - Av. Sidónio Pais, 379 - Telef. 67051 - PORTO

PROVIMI

**CONCENTRADOS
E RAÇÕES**



ASSISTÊNCIA TÉCNICA



PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

LISBOA

Rua Filipe Folque, 2, 2.º
Telef. 4 21 11

PORTO

R. Sá da Bandeira, 746, 2.º-Dto.
Telef. 3 08 69

FÁBRICA DE CONCENTRADOS — PAIÀ

FÁBRICAS DE RAÇÕES — SACAVÉM — FARO — VIANA DO ALENTEJO — OVAR — CASTRO VERDE — ALCobaÇA — ALVERCA (Em construção)
— FUNCHAL — PONTA DELGADA — ANGRA DO HEROÍSMO — MALANGE — LUANDA

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

SUMÁRIO

Palavras serenas, firmes, mas com a devida dureza. . .	273
Reunião do grupo de trabalho para o estudo dos produtos armazenados de origem mediterrânica — Prof. Carlos M. Baeta Neves . . .	274
Panorama Sanitário dos Maciços Florestais a Sul do Rio Tejo — Eng. Silvicultor Carlos David Serrão Nogueira . . .	279
Sociologia das organizações profissionais — Eng. Agrónomo G. Santa Ritta . . .	283
Algumas considerações a propósito do comércio mundial dos principais produtos florestais primários — Eng. Silvicultor Maximino Alvarez . . .	287
O Homem e a Floresta — Eng. Silvicultor Lino Teixeira . . .	289
A Bela Arte dos Jardins — Reg. Florestal Horácio Eliseu . . .	295
A singela cultura da soja — Reg. Agrícola J. Costa Rosa . . .	296
Em favor de uma política de bem-estar rural — Arquitecto J. Pinto Machado . . .	298
O aprovisionamento artificial das abelhas — Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão . . .	300
Temas de Enologia — Enólogo Nobre da Veiga . . .	302
Caça e Pesca — Morreu um pescador . . . — Almeida Coquet . . .	305

SERVIÇO DE CONSULTAS

— Patologia Vegetal e Entomologia	307
— Direito Rural	308

Informações	309
-----------------------	-----

A NOSSA CAPA



Torre dos Clérigos
Porto

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais . . .	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Ano 74.º

Porto, 16 de Abril de 1969

N.º 2637

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Eugenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO • Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

Palavras serenas, firmes, mas com a devida dureza

As palavras simples, serenas, mas claras e de forma alguma isentas duma firme dureza, que, na sua terceira comunicação ao país, pronunciou o Sr. Presidente do Conselho, dirigiram-se na sua grande parte ao sector agrícola.

Isto não foi certamente facto fortuito, mas antes o reconhecimento da necessidade de referir o sector primário como talvez aquele que mais preocupações causa aos governantes e em que as transformações são mais imperiosamente urgentes. Não é uma conclusão derrotista a que se tira das considerações do Chefe do Governo, mas o que também não significam é uma posição de facilidade, mas sim de gravidade, da qual só se poderá sair mercê dum ingente esforço conjugado de todos os portugueses.

Transparece bem das palavras pronunciadas que elas foram pesadas minuciosamente e a cada uma dado todo o seu pleno significado. Há nelas uma passagem entre todas lapidares: «Temos de escolher entre a estagnação e o progresso, e daí resultam certas opções difíceis. Mas se não as tomamos ficaremos eternamente presos a situações ultrapassadas. Há que enfrentar tempos novos, isso implicar sacrificios. Mas não devemos hesitar quando se trate de abrir caminhos para o bem-estar e a educação populares. Isto para mim é um dogma».

Na realidade é na valorização do homem que residem as possibilidades da sua promoção social. E não é sem homens capazes que se **realiza** o quer que seja.



Reunião do grupo de trabalho para o estudo dos produtos armazenados de origem Mediterrânica

(Lisboa 13 e 14 de Março de 1969)

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

CONFORME foi divulgado na altura própria nesta revista uma das conclusões a que chegou a «Conferência sobre a protecção dos produtos armazenados», organizada pela OEPP (Organização europeia e mediterrânica para a protecção das plantas) e realizada em Portugal entre 27 a 30 de Novembro de 1967, foi a criação de um grupo de trabalho destinado ao estudo dos problemas da defesa fitossanitária dos produtos armazenados (agrícolas, secos) de origem mediterrânica.

A primeira reunião deste grupo teve recentemente lugar (13 e 14 de Março) em Lisboa, no Laboratório da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados, estando presentes delegados da Espanha, França, Itália, Grécia, Chipre, Israel, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Finlândia, tendo faltado os da Turquia e Tunísia, cuja possível presença tinha sido anunciada.

Além destes assistiram ainda às sessões de trabalho, como observadores, os técnicos e colaboradores daquele Laboratório e da Brigada de Estudos da Defesa Fitossanitária dos Produtos Ultramarinos, e ainda dois representantes da Junta Nacio-

nal das Frutas e o Professor da Universidade Rural do Brasil, Eng. José H. Carneiro Ribeiro.

A OEPP estava representada pelos seus Directores Geral, Dr. Mathys, e Técnico, Dr. Caudri, e pelo representante de Portugal, Engenheiro Rosa Azevedo, Chefe da Repartição dos Serviços Fito-patológicos da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, o qual, em nome do respectivo Director-Geral, pronunciou as palavras com que foi inaugurada a reunião.

Ao autor coube a presidência da mesma, dada a sua posição no Grupo de trabalho.

Do que se passou e das resoluções finais, julgo valer a pena transmitir ao leitor uma resumida informação, razão deste artigo.

* *

De acordo com o plano inicialmente estabelecido e com a exposição feita logo no início dos trabalhos, a finalidade principal destes devia ser a apreciação dos conhecimentos científicos e técnicos actuais sobre os principais problemas da Defesa Fitossanitária dos produtos arma-

zenados (agrícolas, secos) de origem mediterrânica.

Para tanto tinha-se pedido previamente que os delegados dos diferentes países enviassem, ou apresentassem na reunião, a resposta a um breve e resumido questionário sobre a situação em que se encontra cada país nesse particular.

Dispondo-se já anteriormente de infor-

reza do questionário, não deixou de apresentar a resposta a este, coordenando e completando assim, dentro da orientação respectiva, as informações a propósito.

Pode-se em conclusão dizer que em relação aos países mediterrânicos são assim relativamente poucos aqueles sobre os quais não se dispõe de elementos suficientes para a apreciação da natureza e



A mesa da presidência; da esquerda para a direita: Eng. Rosa Azevedo, Dr. Mathys e Prof. Baeta Neves

mações em relação à França, Itália, Jugoslávia, Grécia, Turquia, Israel, Tunísia, Nigéria e Marrocos, embora por vezes um tanto incompletas, importava não só completá-las em relação a esses países e aos restantes da região mediterrânica como actualizá-las; e foi o que em parte se conseguiu com a documentação original apresentada ou enviada pelos delegados de Espanha, Itália, Grécia, Chipre e Turquia.

As informações prestadas pela Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Finlândia tiveram o grande interesse de permitir apreciar os problemas pelo ponto de vista do importador de produtos mediterrânicos.

Portugal já há muito divulgara os resultados a que chegara durante os últimos anos no estudo da defesa fitossanitária desses produtos, no entanto, dada a natu-

importância dos problemas respectivos, depois de reunidas todas as informações prestadas, quer pela bibliografia já existente quer pelas respostas ao inquérito.

Da sua comparação ressalta a semelhança não só da lista das espécies mais prejudiciais que atacam os diversos produtos, mas também da sua importância económica relativa.

Haverá aqui e ali algumas disparidades, mas os aspectos fundamentais são comuns, como era de prever, nomeadamente em relação aos produtos de origem de mediterrânica de maior interesse, tais como aos frutos secos e as sementes de leguminosas.

Os cereais, embora produzidos em grande quantidade na região considerada e constituindo a sua conservação uma das principais preocupações da Defesa

Fitossanitária dos Produtos Armazenados, não podem ser considerados no mesmo pé, quanto à sua origem, dado que são produzidos em muitos outros pontos do Globo, contudo não deixaram de ser considerados dada a sua grande susceptibilidade ao ataque das pragas e doenças, bem como dos produtos com eles fabricados.

Outros produtos, como algumas oleaginosas, tabaco e ossos, foram também referidos, e ainda que nalguns casos os problemas da conservação respectiva possam ter importância apreciável, pelo seu volume e limitação da área de produção têm necessariamente menos interesse numa apreciação de conjunto.

Quanto aos recursos dos diferentes países, quer em relação a conhecimentos científicos e técnicos especializados, para cada caso considerado, preexistentes, quer

dade notável no estudo de alguns dos problemas de maior vulto no seu caso particular, nomeadamente o da alfarroba.

Fora da região mediterrânica, mas interessados como importadores dos seus produtos, destaca-se a Inglaterra com o melhor apetrechamento, em material e pessoal, dedicado à investigação, seguida da Dinamarca e da Alemanha; a França está a organizar em Bordéus o seu núcleo especializado de estudo, e os restantes países, quer mediterrânicos, quer não, representados na reunião ou não têm ainda qualquer entidade dedicada exclusivamente à investigação no campo da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados, ou então esta está dispersa por organismos diversos, que se lhe dedicam mais ou menos acidentalmente, englobando-a nos seus campos de actividade mais latos, de natureza fitopatológica ou



Uma parte dos delegados dos diferentes países; da esquerda para a direita: Made-moiselle Davaine, secretária da OEPP, Itália (Dr. Del Monte), Espanha (Dr. Gisbert) e Alemanha (Dr. Frey)

em relação às possibilidades de investigação, verificou-se que além de Portugal, em condições manifestamente privilegiadas, só a Itália e Israel dispõem de instalações apropriadas, embora demasiado modestas quanto a recursos de pessoal; o Chipre, graças à colaboração da Inglaterra, tem tido ultimamente uma activi-

comercial, incluindo laboratórios de universidades, faculdades ou escolas superiores de Agricultura.

No que os países mediterrânicos se mostraram bastante homogêneos foi no nível das organizações de inspecção fitossanitária, embora com algumas disparidades mas revelando uma preocupação

idêntica de procurarem evitar não só a permanência, como a exportação ou importação, de produtos infestados; e da mesma maneira a aplicação de medidas de combate às pragas.

Portugal, neste particular, embora numa situação mais modesta, por limitar a poucos produtos a intervenção dos serviços competentes, está contudo em posição de facilmente poder equiparar-se aos países melhor apetrechados e mais eficientes, desde que para tanto sejam tomadas as medidas necessárias, medidas constituídas quase só pela ampliação desses serviços,

futuro, consequente, da colaboração entre as instituições oficiais especializadas representadas ou entre os interessados na resolução dos mesmos problemas fitossanitários, nomeadamente aqueles que se dedicam ao seu estudo.

Resumo das resoluções

A — Generalidades

1. Encorajar em cada país a criação de um centro de investigação para o estudo dos produtos armazenados.



Grupo de observadores, técnicos e colaboradores do Laboratório da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados e da Brigada de Estudos da Defesa Fitossanitária dos Produtos Ultramarinos, da Junta Nacional das Frutas e o Prof. José H. Carneiro Ribeiro da Universidade Rural do Rio de Janeiro

quanto a pessoal e campo de acção. Com a vantagem de que para o conseguir dispõe já de um organismo de investigação e de um notável fundo de conhecimentos científicos e técnicos, que outros países não possuem, sobre os quais a actividade da inspecção deve basear-se, tanto no presente como no futuro.

O resumo das resoluções que a seguir se transcreve dará ao leitor uma ideia mais concreta do resultado final da reunião do Grupo de Trabalho, resoluções que, como se pode verificar, têm o maior interesse, para além da grande vantagem do conhecimento pessoal dos participantes na reunião, da troca de impressões havida entre eles e do estreitamento

2. Organizar cursos de aperfeiçoamento na zona mediterrânica com o fim de assegurar uma melhor compreensão dos problemas próprios desta região (Portugal, com a cooperação do Reino Unido).

3. Encarregar a OEPP de explorar os meios susceptíveis de assegurar uma difusão mais rápida das informações dizendo respeito aos produtos armazenados (Sede da OEPP).

B — Produtos estacionando na zona mediterrânica

4. Encorajar os estudos próprios à melhoria das possibilidades de conservação dos cereais, desenvolvendo no-

meadamente as técnicas de arejamento dos «stocks» para neles baixar a temperatura (Israel).

5. Fazer uma estimativa do valor económico e científico da armazenagem hermética (Turquia, convidada a empreender este estudo).

6. Estudar as possibilidades de armazenagem dos cereais com a utilização do ácido propiónico, logo que haja um forte teor de humidade (informações a transmitir à OEPP pelo Reino Unido).

7. Estudar os meios permitindo lutar contra a infestação nos moinhos de farinha e noutras instalações de transformação, dando uma atenção particular à protecção dos produtos pelas embalagens apropriadas (Itália).

C—Produtos exportados a partir desta região

8. Reduzir ao máximo a taxa de infestação dos produtos exportados, sobretudo no que diz respeito aos produtos consumidos sem transformação prévia ou para os quais esta não tem importância.

9. Explorar as possibilidades de reduzir a taxa de importação das alfarrobas, nomeadamente pelo estudo ecológico das pragas durante a armazenagem e pela utilização de pesticidas tal como o dichlorvos (Chipre e Reino Unido).

10. Estudar os problemas especiais seguintes:

a) ecologia da infestação durante a armazenagem dos frutos secos e das amêndoas.

b) acondicionamento dos frutos secos, das amêndoas e dos produtos cerealíferos.

c) armazenagem a granel das amêndoas não descascadas (Portugal).

11. Examinar a oportunidade para exigir uma fumigação obrigatória dos frutos secos e das amêndoas no momento da exportação e de montar as instalações que permitam executar este género de tratamento.

12. No que diz respeito aos legumes secos, dar uma atenção especial ao estudo do mecanismo das infestações na cultura e no momento da armazenagem (Portugal).

13. Conseguir que o arroz exportado seja isento de insectos e ácaros vivos.

14. Fumigar os produtos de origem animal antes da sua exportação.

D—Produtos importados para a região mediterrânica

15. Aceitar as conclusões do «Grupo de trabalho para o estudo dos produtos de origem tropical» depois da adaptação da lista de pragas às condições particulares da região mediterrânica.

E—Generalidades

16. Organizar um sistema de inspecção dos barcos e dos porões antes do carregamento de produtos isentos de infestação.

17. No interior de cada país favorecer os contactos entre os especialistas dos produtos armazenados e os delegados encarregados de definir as normas de qualidade destes mesmos produtos junto de organizações, tais como a Comissão Económica para a Europa, a Comunidade Económica Europeia, a ISO, a Codex Alimentarius, etc. a fim de que sejam igualmente tomadas em consideração as cláusulas relativas à infestação.

Deste resumo de resoluções se conclui, por seu turno, quanto é vasto o programa de trabalhos que se julga mais urgente realizar, tendo em atenção não só os conhecimentos científicos e técnicos existentes, mas também a urgência de uma intervenção imediata em alguns casos, melhor conhecidos ou mais prementes.

É de notar o número e a natureza das

(Conclui na pág. 286)

Panorama Sanitário dos Maciços Florestais a Sul do Rio Tejo

Por CARLOS DAVID SERRÃO NOGUEIRA
Eng. Silvicultor

INTRODUÇÃO

A atenção que temos dedicado nos últimos anos ao sobreiro, à azinheira e aos choupos, quer para o estudo das piores pragas que os flagelam quer para effectuar as respectivas entomofaunas, levou-nos a frequentes visitas ao sul do País, em especial à zona compreendida entre o Vale do Tejo e as serranias algarvias, o que nos permitiu avaliar do estado sanitário actual das diferentes essências florestais que aí predominam.

Duma maneira geral o aspecto sanitário dos maciços florestais a sul do Rio Tejo, pelo menos no que respeita a pragas entomológicas, não é brilhante.

Todas as essências florestais que constituem maciços com interesse económico nesta vasta zona do País têm sido atacadas, com maior ou menor intensidade e numa área maior ou menor, por pragas entomológicas, sendo o eucalipto a que se tem mostrado mais feliz sobre este aspecto. Trata-se, no entanto, para a maioria das essências, de crises juvenis, fáceis de debelar e até talvez de evitar.

No que respeita aos montados de sobre e azinho, e em especial aos primeiros, o problema é bastante grave, chegando a tomar, em certas regiões, aspectos alarmantes a que urge procurar pôr-se termo.

Vamos, duma forma resumida, apresentar o aspecto sanitário das principais espécies que constituem povoamentos de interesse económico na zona compreendida entre o Rio Tejo e as serras algarvias, considerando, portanto, os eucaliptais, as salicáceas, em especial os choupais, os pinhais e principalmente os montados de sobre e azinho.

Não queremos deixar de anotar também o aspecto alarmante das desfolhas que sofrem nalgumas zonas os ulmeiros e freixos ornamentais das estradas e em bordadura nas linhas de água, de que são responsáveis, respectivamente, *Galerucella luteola* Müll. e *Abraxas pantaria* L., embora estas árvores não apresentem actualmente interesse florestal.

É ainda de notar a intensidade do ataque de *Malacosoma neustria* L. a amendoeiras que marginam a estrada de Serpa a Pias que, na última Primavera, foram completamente desfolhadas.

Nalguns casos o ataque foi tão intenso que os próprios frutos não escaparam à voracidade deste desfolhador.

Eucaliptais

Nem o *Eucalyptus globulus* Labill, nem o *Eucalyptus camaldulensis* Delm.

baetica Ramb., praga usual das ervas dos pousios que algumas vezes ataca também pequenas parcelas das searas.

A infestação foi motivada por uma modificação rápida de cultura, com mobilização do terreno, que, destruindo a vegetação espontânea, levou a praga a alimentar-se do eucalipto. Não se adaptou,



Fot. 1 — Eucaliptal em exploração. Note-se o vigor da rebentação das toičas. (Fot. Arquivo da Estação de Biologia Florestal)

(= *Eucalyptus rostrata* Schlecht.), as espécies que constituem povoamentos de maior área, têm sido flagelados pelas pragas florestais.

todavia, ao novo hospedeiro e os ataques cessaram.

Têm-se verificado igualmente casos de ataque de «melolontas» e «alfinetes»



Fot. 2 — Eucaliptos novos mortos por um ataque de *Melolontha* sp. às raízes. (Fot. Arquivo da Estação de Biologia Florestal)

Já se verificou em plantações recentes de *E. camaldulensis*, na zona das Minas de S. Domingos, o ataque pela *Ocnogyna*

(larvas de *Coleoptera*, *Elateridae*) e plantações recentes de eucaliptos, em solos mais ricos de matéria orgânica ou onde

se fizerem estrumações e também onde se procedeu à destruição de toda a vegetação natural.

Embora se encontrem eucaliptais em más condições edafo-ecológicas, não têm sido flagelados pelas pragas, o que se deve atribuir à falta de adaptação dos insectos indígenas a esta exótica e ao facto de não se terem importado insectos da sua entomofauna, talvez porque normalmente se importam sementes e não plantas.

Verifica-se muitas vezes pequena duração das toijas, que são atacadas por agentes causadores de podridões, e raros ataques de «formiga branca» (*Reticulitermes lucifugus* (Rossi.) e *Kaloterms flavicollis* (Fab.)) a toijas e árvores com zonas do tronco mortas.

Salicáceas

Há longos anos utilizadas na correcção torrencial e como árvores ornamentais,

Os choupos híbridos têm-se mostrado muito susceptíveis a diferentes pragas, que, existindo nas espécies indígenas espontâneas, não se tornavam aí notadas.

No entanto, os ataques que se têm verificado ultimamente nos choupais são de tal forma graves que levaram o Departamento de Entomologia a elaborar um programa para o seu tratamento.

Nesse programa, que foi oportunamente apresentado, já o assunto se tratou com mais pormenor.

As pragas que mais danos têm causado aos choupais do tipo industrial podem reunir-se em três grupos, consoante a forma de ataque, a saber:

«Desfolhadores»:— Entre os numerosos insectos desfolhadores dos choupos e salgueiros mostram-se mais prejudiciais o *Melasoma populi* (L.) e a *Dicranura vinula* (L.). São pragas mais de temer nos viveiros, pois a desfolha das estacas em vias de pegamento pode pô-las em perigo



Fot. 3 — Choupal de 3 anos onde foi realizado o tratamento preventivo contra as «brocas». Note-se o bom aspecto vegetativo e a ausência total de sinais de ataque destas pragas. (Fot. do autor)

tem-se expandido consideravelmente a cultura destas árvores nos últimos tempos.

De facto, o aparecimento dos choupos híbridos euro-americanos de crescimento espectacular tem interessado a lavoura na sua plantação. Esboça-se também um certo interesse pela plantação dos vimeiros, pois há certa procura de vime, que tende a valorizar-se.

ou, pelo menos, atrasar-lhes o crescimento.

«Mineiros»:— Insectos que escavam galerias nas folhas, pecíolos, raminhos novos e gemas. O mais prejudicial é a *Gipsonoma aceriana* Dupn. que ataca rebentos novos e flechas. A destruição terminal da flecha origina o aparecimento dum tufo de ramos ou dá origem a uma

flecha mal conformada que prejudica o futuro desenvolvimento da árvore.

«Brocas» — Insetos que, geralmente na fase larvar, atacam o tronco dos choupos ou salgueiros. Os mais prejudiciais

O melhor aspecto vegetativo que usualmente apresentam na região os salgueiros espontâneos, em comparação com os choupos, com a mesma origem, leva-nos a pensar que talvez os salgueiros produ-



Fot. 4 e 5 — Efeitos do ataque de *Gipsonoma aceriana* Dupn. à flecha de choupos. No primeiro caso a flecha foi substituída por um tufo de rebentos terminais, ficando a árvore inutilizada. No segundo caso a flecha foi substituída pelo desenvolvimento dum gomo lateral. O choupo é aproveitável desde que se inutilizem os gomos adventícios formados na zona do ataque, por forma a evitar a formação do tufo terminal. Fot. 6 — Efeitos do ataque das «brocas» (*Melanophila picta* Pall. e *Paranthrene tabaniformis* Rott.) ao tronco dum choupo. (Fots. do autor).

são o *Paranthrene tabaniformis* Rott. e a *Melanophila picta* Pall..

Atacam árvores recém-plantadas, pois a crise de transplantação e o subsequente enfraquecimento é-lhes favorável.

Os ataques de todas estas pragas são mais prejudiciais, como se pode concluir, quando os povoamentos são novos.

Os choupos bem localizados quanto às condições edafo-ecológicas, uma vez vencida a crise de transplantação, começam a vegetar em boas condições sanitárias. Não será necessário, neste caso, mais que algumas medidas preventivas tendentes a evitar a crise juvenil.

Infelizmente aparecem alguns choupais mal implantados e então, embora se possa manter o povoamento isento de pragas utilizando a luta química, os tratamentos têm que ser repetidos durante toda a vida do povoamento.

tores de madeira se adaptassem melhor nalgumas regiões a sul do Tejo, em especial às terras menos drenadas.

Os salgueiros vulgarmente conhecidos como «salgueiros choupos» estão já em exploração na Argentina com produções de 15 a 20 metros cúbicos por hectare e ano, predominando a espécie *Salix alba* var. *calva* (L.). Na Itália, estão sendo experimentados, com boas esperanças de êxito, o *Salix alba* L., para zonas planas, e o *Salix daphnoides* L. e o *Salix pentandra* L., para terrenos de montanha. Estes salgueiros são árvores que encontram as suas condições óptimas de desenvolvimento em zonas frescas e ao longo dos cursos de água, adaptando-se bem a terrenos pouco profundos, enxutos e não muito compactos.

Parece-nos, pois, que seria de ensaiar essas espécies, principalmente em certas

Sociologia das organizações profissionais

Por

G. SANTA RITTA

Eng. Agrônomo

Os aspectos associativos da profissão agrícola são encarados muito mais frequentemente no plano económico, técnico ou puramente político do que segundo uma óptica sociológica. E no entanto é no campo da sociologia rural que as organizações de agricultores podem ser compreendidas, acompanhadas na sua evolução, integradas no meio social a que pertencem.

O espírito cooperativo, que define a agricultura de certos países, enquanto noutros falta completamente, tem fundamentos institucionais e históricos que só o sociólogo, baseado nas ciências auxiliares que o apoiam, poderá interpretar.

Falta, porém, uma literatura sociológica europeia sobre o tema tão importante como

o associativismo. Na Holanda e na Alemanha Federal, já se podem encontrar alguns trabalhos de bastante interesse, mas cuja leitura se torna difícil entre nós. Foi por isso que li com enorme satisfação um trabalho recente (Setembro de 1968), o qual, embora escrito originariamente em Holandês, foi apresentado em tradução francesa pelo Instituto Económico Agrícola do Ministério da Agricultura da Bélgica. Intitula-se «L' Action Locale des Associations Professionnelles Agricoles» e foi elaborado pelo Dr. H. Evaraet sob a orientação do Eng. Agr. G. Boddez.

O Dr. Hubert Evaraet, fez parte do grupo de Belgas que participou no II Congresso Mundial de Sociologia Rural. Recordo com muita simpatia as valiosas informações que diversos membros dessa equipa me deram sobre a agricultura da Holanda e da Bélgica e o ambiente de agradável convívio que sempre mantiveram. O Dr. Parmentier, Secretário Geral do Ministério da Agricultura, sensibilizou-se particularmente pela solicitude com que, sabendo da minha estima pelo Prof. António Câmara, procurou informar-se do seu estado de Saúde e das suas actividades, recordando outros técnicos portugueses com quem tem trabalhado, nomeadamente em reuniões da OCDE. Encontrei também entre os participantes belgas, um militar: M. Lehouck, Professor da Escola de Guerra. Interessado nas tarefas pacíficas da sociologia rural, foi excelente companheiro, possuindo uma boa cultura sociológica de base. Manifestou grande simpatia pelo nosso País e muita admiração pela difusão da língua portuguesa no mundo.

As associações profissionais não são

zonas do Vale do Sorraia (1), que pela existência de água a pouca profundidade, se mostram pouco propícias ao choupo.

(Continua)

Dos «Serviços Florestais»
Folhetos de Divulgação

(1) O interesse que têm as espécies ripícolas na zona abrangida pelas obras de rega do Vale do Sorraia e a má adaptação que por vezes se nota nos choupos híbridos, levou os técnicos aí em serviço a aceitarem a nossa sugestão de procurar espécies melhor adaptadas e portanto menos susceptíveis aos ataques das pragas. Para isso, puse-ram-se em contacto com o Instituto di Pioppicoltura di Casal Monferrato, tendo obtido estacas de três variedades culturais de salgueiros produtores de madeira, os quais estão a tentar reproduzir no Posto Experimental de Culturas Regadas do Vale do Sorraia, para ensaios de adaptação e em especial de resistência às pragas que nesta região flagelam as salicáceas.

Estes salgueiros serão experimentados nas zonas em que os choupos têm encontrado piores condições de vegetação.

exclusivamente de carácter técnico ou económico; têm muitas vezes, um aspecto político, cultural, de defesa de determinados condicionalismos, de solidariedade entre elementos da profissão. Essas organizações revestem formas diferentes consoante o grau de desenvolvimento dos povos e a natureza das instituições.

O trabalho do Dr. Everaet refere-se menos directamente às organizações técnico-económicas, como as cooperativas, do que ao tipo de associação de agricultores designado por *lega, guilda, associação, corporação, etc.*

A origem destas associações situa-se na segunda metade do século XIX. Antes desta época, a associação profissional, tal como a conhecemos actualmente, não existiria na agricultura. A sua aparição corresponde à passagem duma comunidade aldeã ainda tradicional, para uma forma de vida mais moderna. A estrutura social existente tornava superfluos estes grupos *formais*: os contactos com o exterior eram escassos e a chave da economia doméstica era a autosubsistência.

Na associação profissional, um certo número de agricultores únem-se voluntariamente a fim de promover um interesse determinado ou atingir um certo objectivo. Mais precisamente, dir-se-á com Jolles, que ao formular esse objectivo, há que distinguir o *valor*, as *funções* e as *actividades* da associação. Este trabalho de Jolles, citado pelo autor é precisamente um dos tais de orientação sociológica que as dificuldades de língua tornam difíceis de conhecer entre nós. Intitula-se «Vereniginsleven in Nederland» e foi publicado em 1963. Há muito que ando com vontade de promover a sua tradução, ou pelo menos de resumir-lo.

Praticamente — prossegue Everaet — toda a associação baseia o seu objectivo final num valor latente. Para a associação profissional, trata-se da promoção integral, tanto material como espiritual, do Mundo Agrícola. Assim orientado, um tal agrupamento não se limita a certas perspectivas de vida: dirige-se ao homem na sua totalidade. Por isso tais associações são geralmente denominadas «de objectivo geral».

As considerações feitas neste capítulo

introdutório têm um interesse extraordinário e uma enorme clareza, referindo-se, porém, como se compreende, aos padrões de cultura do País em que são estudados; assim, ao afirmar que a associação profissional dedica uma atenção primordial ao aperfeiçoamento do agricultor individual no seu mister; que, numa época em que a concepção estática de empresa deve dar, cada vez mais, lugar a uma gestão dinâmica tendo por principal tarefa aumentar a competência de cultivador directo; que o empresário é senhor da sua gestão, dependendo portanto o resultado final da exploração da forma como essa gestão se exerce; ou ainda que os géneros de vida tradicionais perdem rapidamente o seu significado deixando de oferecer uma linha de conduta, o trabalho refere-se aos padrões de cultura que a sociedade industrial implantou na Bélgica ou na Holanda. Noutros países, os padrões serão ainda diferentes; e eram-no muito mais há 40 ou 50 anos.

A excelente orientação sociológica do trabalho revela-se principalmente a partir do segundo capítulo: «Que representa para os agricultores a organização profissional»? Bem se pode dizer que a ordenação dos assuntos e a apresentação do inquérito constituem um verdadeiro modelo de método sociológico. Neste capítulo são considerados os seguintes aspectos:

A — Efectivo dos sócios e tipos de membros das associações profissionais.

B — Função formativa da associação profissional.

1. Formação profissional.

2. Formação geral.

C — A associação, instrumento de formação profissional.

1. A qualidade de membro.

3. A instrução.

Segundo os resultados do inquérito, em 1966 agricultores inquiridos, 1273, ou sejam 64 % eram membros de pelo menos uma das associações profissionais existentes.

Os diversos quadros contêm dados muito significativos sobre a idade dos agricultores, a área das explorações, o nível de instrução, a distribuição regional, no que respeita à alínea A. Igualmente nas alíneas B e C figuram quadros muito elucidativos, acompanhados da interpretação estatística respectiva.

O terceiro capítulo é consagrado aos factores que contrariam a vida associativa e refere-se aos seguintes pontos:

A — Factores gerais.

1. Directos
2. Indirectos.

B — Transformações no campo.

C — Estrutura da comunidade local.

Como vemos, continua aqui a excelente orientação sociológica do trabalho.

O quarto capítulo é relativo à adaptação da estrutura associativa. Pode-se perguntar, efectivamente, em que medida a acção associativa se adaptou suficientemente a uma situação que se transformou profundamente nos últimos anos. Por outras palavras, as numerosas transformações ocorridas na comunidade aldeã, não tiveram como resultado que a vida associativa exercesse uma actividade suficiente para tornar capaz de enfrentar os novos interesses e as necessidades crescentes da população.

Inicialmente, a linha de separação traçada pela categoria socio-profissional era muito ténue. Enquanto a população rural apresentou uma estrutura social homogénea e a agricultura constituiu a principal actividade da maioria dos habitantes, a criação duma associação particular para os agricultores não causava dificuldades especiais. A evolução técnica e social modificou porém profundamente este quadro.

Por isso, depois de apresentar algumas páginas bastante válidas sobre o problema, o estudo inicia o capítulo de resumo e conclusões pela afirmação de que em muitas regiões rurais a vida associativa

atingiu um momento difícil. Isso verifica-se sobretudo, como é natural, nas pequenas aldeias. As premissas do problema são conhecidas: por um lado, um processo penetrante de mudança social, por outro, uma vida associativa cuja estrutura não entra suficientemente em conta com tal mudança.

Se se desejar aumentar essa actividade social, é preciso ter em conta que não se trata tanto de criar novos agrupamentos como de fazer eclodir uma vida associativa com condições de atingir um nível de actividade suficiente.

Pode-se presumir, por outro lado, que a tendência actual para a transformação social prosseguirá ainda no futuro. É de prever que o nível de aspirações da população rural se elevará mais ainda, que o grupo dos agricultores se reduzirá mais, que a comunidade rural será menos densa e que as linhas de demarcação no seio da população se acentuarão. Deste modo, dar-se-á um estreitamento psicológico e real da associação profissional agrícola, que terá por efeito reduzir ainda o raio de acção dum agrupamento cuja influência se circunscreve a um círculo geográfico de pequena área. A problemática da associação atingirá assim o seu ponto mais agudo.

Uma vez que a transformação da vida social da aldeia conduz a um fraccionamento excessivo e provoca um efeito paralisante na vida associativa, será necessário fazer com que as associações exerçam uma acção mais integrante sobre a comunidade. Não se trata, porém, salienta o autor, de efectuar uma integração completa: a dificuldade consiste em que tanto os agrupamentos de acção fraccional como os de acção integrante podem exercer uma influência favorável ou desfavorável na actividade comunitária; torna-se pois necessário (como acentua o Dr. Constandse num dos seus trabalhos) estabelecer um certo equilíbrio entre os dois.

É manifesto — diz-se mais adiante — que a expansão das comunicações tornou necessário, para a vida associativa, um processo de alargamento de escala. Um primeiro passo, necessário nas não suficiente, será ultrapassar o estatuto social

ou a profissão. Mas será preciso também inserir a vida associativa num quadro regional mais vasto.

Uma tal evolução implica que a função das associações locais possa transformar-se consideravelmente. Na maioria dos casos, dar-se-á a perda de um certo número de funções, o que levanta o problema de saber se a vida associativa local não deverá ceder o passo a uma acção de carácter mais regional. Não é essa a opinião do Dr. Evaraet, que prevê que o núcleo de acção manterá o carácter local. Mas deve-se observar atentamente quais as funções que podem ser observadas pela associação local e quais as que caibam num âmbito de acção regional.

Não apenas a estrutura externa da associação, como a estrutura interna, terá de ser adaptada. É de grande importância, ao elaborar um programa, procurar multiplicar os pontos de contacto e salientar os elementos que apresentem pontos de interesse comum para todos os filiados. A acção cultural e social oferece a este respeito grandes possibilidades. Para os movimentos da juventude, o acento deve incidir sobre a formação humana geral, o são recreio, e, duma forma geral, sobre a organização de actividades especificamente jovens. As associações femininas insistirão sobretudo na educação familiar e doméstica da mulher rural.

Para terminar, o autor refere novamente, citando mais um trabalho dum sociólogo holandês, Tonkens, que as associações agrícolas se encontram, sobretudo nas pequenas aldeias, perante uma problemática de integração num contexto geográfico e social mais amplo. O facto exige uma profunda modificação de mentalidade tanto nos dirigentes das associações como na própria população. Será necessário suscitar uma disposição favorável à cooperação entre os diversos grupos profissionais, no âmbito duma única organização. Ao mesmo tempo, a população deve raciocinar em termos mais regionais.

Poderão fazer-se grandes progressos se, através da informação, forem salientadas as transformações por que terá de passar a comunidade aldeã e as vantagens da colaboração entre os diversos grupos profissionais.

Reunião do grupo de trabalho para o estudo dos produtos armazenados de origem Mediterrânica

(Conclusão da pág. n.º 278)

tarefas que foram atribuídas a Portugal; dentro das possibilidades do Laboratório da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados é difícil poder corresponder à complexidade e urgência dos trabalhos a realizar; sem uma melhoria apropriada de recursos de material e pessoal, não será possível dar satisfação a quanto foi pedido ao País.

Raras vezes temos ocupado posição de confiança idêntica, razão bastante para que tudo se faça do molde a corresponder, da melhor maneira, às responsabilidades consequentes.

Para tanto, além de quanto se possa conseguir à custa dos recursos próprios, pensa-se utilizar todo o auxílio exterior que possa ser obtido, nomeadamente a colaboração de bolseiros estrangeiros que sejam enviados para o Laboratório, como a OEPP está procurando conseguir.

A verdade é que potencialmente nós temos no momento condições excepcionais, quanto aos limites que podemos atingir e assim quanto à importância e preponderância do papel que podemos desempenhar no estudo e resolução dos problemas da Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados de origem mediterrânica; assim não nos falem, no momento oportuno, os recursos necessários para obtermos desse pontencial todo o rendimento prático que nos pode oferecer, tal como nos exige não só o prestígio do País mas também a acuidade dos problemas sociais e económicos cujo estudo da sua melhor solução nos foi entregue.

Chegou a altura de colher os melhores frutos do esforço dispendido e dos gastos feitos ao longo de 18 anos; a demora na sua colheita poderá permitir que os primeiros apodreçam e dos últimos se não tire o rendimento que exigem, mas não é fácil admitir, perante o mais elementar bom senso, que tal possa acontecer.

Algumas considerações a propósito do comércio mundial dos principais produtos florestais primários

Por

MAXIMINO ALVAREZ

Eng. Silvicultor

(Conclusão do n.º 2636, pág. 250)

Os países em vias de desenvolvimento, que viram as suas exportações no que concerne aos principais produtos florestais primários passar do valor médio anual de 0,28 biliões de dólares, f. o. b., em 1953-55, para 0,44 biliões em 1959-61 e 0,77 biliões em 1963-65, movimento que significa uma sua participação no comércio mundial dos produtos em causa, nesses mesmos triénios, de 6,5, 8,3 e 11 %, respectivamente, e um acréscimo anual médio do valor das referidas trocas nos períodos 1954-60 e 1960-64 de 7,8 e 15 %, e cujas exportações de produtos incluídos naquele grupo para os países desenvolvidos (compreendendo os países de economia planificada), na sua maioria constituídas por produtos de folhosas tropicais, ascenderam de uma média anual da ordem dos 185 milhões de dólares no triénio 1953-55 a 609 milhões em 1963-65, com 330 milhões em 1959-61, tais países têm ainda fortes probabilidades de muito rapidamente elevarem estas suas vendas, admitindo a FAO poderem elas, ao preço

de 1963-65, ultrapassar em 1975 o bilião de dólares.

Certo é se haver registado ainda nesses períodos um défice comercial líquido no seu comércio global de produtos florestais com os países desenvolvidos, que, no entanto, se foi atenuando grandemente e, de tal modo, que, de 252 milhões de dólares em 1953-55, passou o mesmo a 228 milhões em 1959-61 e a tão-somente 19 milhões em 1963-65, situação, esta, que, ainda, se mostra mais favorável se do grupo dos países desenvolvidos excluirmos os de economia planificada, pois que então de um défice comercial líquido de 228 milhões de dólares no primeiro daqueles triénios e de 179 milhões no segundo se chegou a um excedente no último de 55 milhões, valores, todos eles, expressos em preço f. o. b. na exportação.

Certo é, ainda, que das suas vendas aos países desenvolvidos (com exclusão dos países de economia planificada) em 1963-65 ainda uns 60 %, em valor, dos produtos florestais exportados respeitaram

a madeira redonda e a exportação desta experimentou ainda um aumento da ordem dos 80 o/o entre os triénios 1959-61 e 1963-65; todavia, certo é, também, que simultaneamente se registou um não menor aumento no que toca às exportações totais de produtos florestais transformados, ao invés do que acontecera no decurso da década de 50, período em que a taxa de crescimento das exportações dos mesmos foi nitidamente inferior à verificada para os toros.

E se, no presente, cerca de dois quintos, em valor, das suas vendas aos países desenvolvidos respeitam a produtos transformados, também se admite ser viável melhorar no futuro tal proporção, desfrutando, ainda, os países em vias de desenvolvimento da possibilidade de criarem importantes indústrias transformadoras competitivas. E mesmo se parece que, a curto prazo, a expansão das referidas vendas se irá principalmente fazer sentir sobre os produtos de transformação à base das espécies folhosas tropicais e seja ela apenas capaz de interessar um restrito número de países, já a prazo mais dilatado é admissível a hipótese de os países em vias de desenvolvimento se poderem tornar apreciáveis exportadores de uma gama bem maior de produtos florestais, designadamente no sector da pasta e do papel, podendo ainda alguns deles, para além da importância que venham a adquirir no comércio do grupo dos chamados principais produtos florestais primários, melhorar as suas trocas no que concerne a produtos de contribuição relativamente mais modesta para o volume total dos produtos florestais exportados pelos países em vias de desenvolvimento, como, por exemplo, placas de fibras e placas de partículas, e, bem assim, no que toca a outros produtos não incluídos naquele grupo, como poderá ser o caso de determinados produtos manufacturados de madeira, de papel, de cartão ou à base de matéria-prima florestal não lenhosa.

É que efectivamente, e restringindo inclusivamente a análise aos produtos susceptíveis de virem a ser exportados pelos países em vias de desenvolvimento considerados no grupo que tem vindo a ser designado por principais produtos florestais primários, a respectiva procura

pelos países desenvolvidos promete continuar a intensificar-se de tal forma, e já tão patente é nalguns deles o cada vez maior desfasamento entre o acréscimo das necessidades e o da oferta interna, que não se julga arriscado profetizar possa ela vir a absorver, quer a produção própria, quer a daqueles países.

Evidentemente que as perspectivas abertas aos países em vias de desenvolvimento, nomeadamente àqueles geograficamente melhor situados em relação aos países desenvolvidos importadores e que melhor dotados se mostrem no que toca à sua capacidade produtiva, presente e futura, em material lenhoso necessário às variadas indústrias nas regiões onde estas tenham possibilidade de o utilizar em condições mais vantajosas, evidentemente que essas perspectivas se não compadecem, caso se deseje participar numa futura expansão — que se vislumbra acelerada e considerável — das exportações de produtos florestais transformados, com hesitações ou com adiamentos na adopção pelos mesmos países de toda uma série de medidas que se afiguram imprescindíveis, bem como necessitarão, naturalmente, para que possam ganhar a devida amplitude de toda uma outra série de decisões da parte dos países desenvolvidos, susceptíveis de irem ao encontro dos esforços positivos daqueles. Mas se tal se conseguir, então, indubitavelmente, se confirmará a asserção de que as características dos recursos florestais dos países em vias de desenvolvimento, a par daquelas que são apanágio de algumas das indústrias transformadoras da madeira e das que distinguem os mercados dos produtos florestais nos países desenvolvidos, são de molde a criarem para estes produtos oportunidades de expansão comercial bem mais notáveis e rápidas do que aquelas que, nos países em vias de desenvolvimento, costuma gozar, em geral, a maior parte dos principais grupos das suas produções.

Produtos *sui-generis* para os países em vias de desenvolvimento pelas promessas que para eles encerram na conjuntura económica do nosso tempo, produtos com possibilidades das mais positivas entre as produções mais importantes com

(Conclui na pág. n.º 292)

O HOMEM E A FLORESTA

Por LINO TEIXEIRA

Eng. Silvicultor

SABE-SE que as florestas antecederam os povos; permitiram o prevailecimento da raça humana sobre a Terra e contribuíram decisivamente para o progresso da civilização.

Nos tempos recuados da pré-história, o homem era um silvícola na mais lata acepção da palavra; vivia na Selva por entre uma vegetação densa e luxuriante, alimentando-se de seivas, raízes e frutos suculentos, e não necessitando por isso de realizar grandes esforços para se manter.

Nessas épocas remotas, o clima era uniforme em quase todo o mundo; as condições de humidade intensamente favoráveis à proliferação vegetal, e os rios desciam calmos das montanhas, depositando junto do mar imensas quantidades de sedimentos, de cujos férteis mantos brotavam depois grandes florestas, como nunca mais se tornariam a ver.

O homem disfrutava duma espécie de paraíso terrestre arborizado, onde nada lhe faltava, motivo porque não caçava ou caçava muito pouco, preferindo quedar-se sedentário e lúbrico, gosando indolentemente a cornucópia do seu Eden.

Foi uma época de eterna Primavera na história da Vida...

Mas bem cedo as coisas mudaram: um longo período de fenómenos destruidores se seguiu, ocasionando o levantamento

convulsivo das montanhas, erupções vulcânicas, o aparecimento de desertos e o avanço dos glaciares até às zonas tropicais.

As grandes florestas desapareceram da crusta terrestre; o clima modificou-se, tornando-se excessivo e cheio de contrastes, e os períodos plubiais e glaciários sucederam-se durante séculos, deixando uma lembrança indecisa de crise terrível, que sob o nome de Dilúvio, havia de assombrar o espírito da Humanidade inteira, até aos nossos dias.

Morreu a floresta tropical para dar lugar a outra completamente diferente, e formaram-se extensas pradarias, que inumeráveis manadas de renas, antílopes, mamutes, bisontes..., incansavelmente percorriam.

Pela primeira vez na sua história, o homem teve de lutar e dispendar energias para se alimentar e defender: caça, pesca, e procura abrigo no fundo lóbrego das cavernas ou nos atalhos ínvios dos montes inacessíveis.

A maneira do que ainda hoje praticam os selvagens da Polinésia e os pigmeus da África, friccionam varetas de pau e produz o fogo que lhe há-de permitir cozinhar a carne coriácea das suas presas, e iluminar-se na escuridão das grutas onde se refugia.

A floresta, eis a Salvadora: é graças a ela que a graça sobrevive aos desafios da Natureza e aos cataclismos de toda a sorte; é graças à luz conservada em archotes de rezina, tições de madeira ou cones de pinheiro, que o homem consegue pintar e gravar as maravilhosas figuras, que ainda hoje se podem ver, e decorar as paredes das cavernas primitivas, existentes na Espanha e nos Pirinéus.

Mas a crise passa, e o Néolítico aparece com o nosso clima actual. Nasce uma nova floresta; as essências mudam mais uma vez, assim como a fauna: a rena, o mamute, o bisonte..., fogem espavoridos para o Norte, e não ficam senão o javali, o veado, o cabrito montês..., que não chegam mais para que o homem se nutra convenientemente.

Amedrontado, ainda vacilante e sacudindo-se do pó da animalidade, o homem sai das cavernas: aventura-se cada vez mais longe; agrupa-se em comunidades, mas abandona as artes e torna-se sucessivamente pastor e agricultor.

De qualquer forma a floresta sem dono, e por isso «res nullius» começa a ser destruída, pois o machado e o fogo, se encarregavam de promover a pastagem dos rebanhos e a lavra das terras.

Bem depressa se degradavam as superfícies ocupadas, mas as sociedades primitivas que segundo a história da Humanidade, viviam em estreita solidariedade, emigravam em massa e possibilitavam a regeneração automática do tapete vegetal.

No entanto, à medida que o estado social avançou, diminuiu essa solidariedade; a emigração tornou-se mais individual e fixaram-se as povoações, que foram então destruindo mais sistematicamente a vegetação arbórea.

Crê-se que os primeiros centros de civilização assim fundados sobre a agricultura, foram estabelecidos nas planuras da Assíria e do Egipto, nos planaltos estépico do Perú, do México e da China Meridional.

Enfim, na infância da Europa as florestas acoitavam os homens errantes; balsas espessas e cercos escuros foram os seus primeiros templos, e o culto da Beleza, dos Faunos e dos Sevanos, a sua única religião. Nunca o torrão seco e mo-

nótono, aviventava a imaginação criadora dos primeiros Bardos, sem os longes e cenas já graciosas, já sublimes e belas de vastas e sombrias florestas, ou de arvoredos pitorescos.

Povos inocentes e inermes na floresta achavam abrigo, para se libertarem da escravidão dos Tiranos do tempo...

A benignidade das florestas foi sempre tão sentida que já Plínio dizia, serem «os bens mais preciosos que Deus concedeu aos homens».

Neste admirável conceito, encerra-se em luminosa síntese, toda a sua unção no aperfeiçoamento moral dos homens e todo o seu préstimo no progresso material das civilizações.

Foi a floresta que deu aos homens os meios de abandonarem a caverna do troglodita e a tenda do nómada; foi a madeira que serviu para fabricar os primeiros utensílios da lavoura e os primeiros instrumentos da indústria; e foi ainda ela que forneceu a possibilidade de se sulcarem os mares...

Numerosas e profundas evoluções haveriam de sobrevir com o decorrer dos séculos: o ferro, a hulha, o gás, a electricidade, o betão..., modificaram a utilização da matéria lenhosa; mas o seu uso não foi abolido, nem a sua inportância diminuiu, porque nenhuma civilização pôde ainda dispensá-la.

Nos últimos tempos toda a produção florestal sofreu transformações que acompanham os progressos maravilhosos da ciência. Hoje, já não se considera a madeira como produto simples da Natureza, mas como uma matéria prima de que a moderna tecnologia é capaz de extrair um número quase ilimitado de produtos complexos; papel, plásticos, terebentina, álcool, etc., etc..

Para se fazer uma ideia da multidão e onnipotência dos produtos da floresta, basta referir que nos E.U. da América do Norte, se consomem por ano e por pessoa cerca de 500 dm³ de madeira e 200 kg de papel. Este voraz apetite de produtos florestais, cujo valor ascende a 23 000 milhões de dólares é satisfeito por uma indústria que administra 32 000 fábricas de serração, 360 moinhos de pólpia, 800 fábricas de papel e 300 de madeira desenrolada.

Metade da Madeira colhida nas matas americanas é usada para obras de construção, 20 o/o converte-se em pólpa, 15 em combustível, 7 em madeira desenrolada, e o resto serve para postes, travessas de caminho de ferro, etc..

As fábricas papeleiras dos E. U. produzem rolos de papel de jornal, à razão de 35 km por hora, coisa perfeitamente compreensível, se nos lembrarmos que qualquer periódico dominical americano, nunca conta com menos de 128 páginas e atinge sempre uma tiragem mínima de 1 milhão de exemplares.

Mas não é sòmente como factor de produção industrial, que a floresta contribui mais para a prosperidade dos países. Regularizando em certa medida a queda das chuvas, protegendo os solos, guardando e alimentando os recursos hídricos, as florestas influem também duma maneira notável e decisiva no progresso de desenvolvimento geral da agricultura.

Certo é na verdade, que raramente o destino da agricultura duma nação, se decide exclusivamente nas terras ditas da lavoura. Factores bem afastados podem também desempenhar uma importante função. Assim, a solidez biológica e a estabilidade duma economia agrícola, podem ser regidas em grande parte pela protecção que se ofereça ao solo nas terras altas.

Erosão, inundações destrutivas, perda de camada arável e falta de água, têm de se ter em conta para criar uma economia agrícola permanente. E todos esses antigos inimigos que constituem uma eterna ameaça para a produção de alimentos, podem ser facilmente vencidos, firmando nos pontos nevralgicos a cobertura arborea adequada.

A importância categórica que as florestas têm para a agricultura está infelizmente longe de ser reconhecida por todos os planificadores agrícolas. Como consequência, muitas explorações não podem manter, nem sequer alcançar níveis satisfatórios de produção, e milhares de hectares de terrenos que foram outrora férteis regadios, jazem devorados pelo deserto.

Quando a agricultura depende da rega, a necessidade de estabilizar o solo nas terras altas, é ainda mais decisiva. Muito

se tem gasto na construção de custosos depósitos e canais de rega, de pronto inutilizados pela sedimentação dos carreiros. A melhor garantia de permanência deste tipo de obras, assim como para o abastecimento ininterrupto de águas, é uma floresta que fixe o solo, refreie a violência destruidora dos elementos e conserve até à última gota, a água que é necessário aproveitar no cultivo das terras situadas a nível inferior.

Mas as árvores são ainda mais do que defensoras do solo agrícola e das águas. Desde tempos remotos resultam eficazes na protecção das culturas e dos animais domésticos, contra os ventos esgotadores do Verão, e contra os vendavais gélidos do Inverno. Muitos terrenos têm sido plantados em todo o mundo com essências florestais, vizando fins puramente agrícolas.

São uma realidade os milhares de quilómetros de faixas protectoras arborizadas que defendem hoje milhões de hectares de terras agrícolas na estepe russa, onde se verificaram suplementos de colheita da ordem dos 20 a 90 o/o. Quilómetros e quilómetros de galerias de arvoredos constituem na Jutlândia uma iniciativa do Estado. A Roménia deve a sua ininterrupta produção agrícola e o seu actual nível de vida, à protecção com que as árvores brindam os agricultores na sua luta contra a erosão e contra as secas. Nos E. U. é raro que se cultivem pomares e hortas sem quebra-ventos arbóreos, que reconhecidamente influem na produção das frutas e das hortalças, melhorando-a tanto em quantidade como em qualidade.

Esta simples enumeração dos benefícios que o homem recebe das florestas, seria já por si bastante, para despertar em todos nós uma atitude de profunda reverência e respeito; mas a acção benfazeja dos arvoredos não fica por aqui: as florestas e as árvores em geral, tendem a criar no homem a tranquilidade do espírito e a servir-lhe de inspiração para as suas grandes obras artísticas, literárias e filosóficas.

Toda a floresta tem de facto para quem a saiba compreender, a sua poesia e a sua beleza. É a árvore que aformoseia a paisagem, a estrada e o curso de água;

sem ela termos campos uniformes, com as suas charnecas sombrias e desertos sem limites.

Nenhuma região é verdadeiramente bonita sem possuir árvores, e muitas há que perdem o seu encanto, desde que elas faltem. Por isso, todas as cidades civilizadas procuram aumentar os seus parques, os seus jardins e as suas avenidas arborizadas.

As florestas provocam sentimentos religiosos que a história regista e que na actualidade reaparecem convertidos em sentimentos artísticos. Todas as nações cultas protegem as belas paisagens, convertendo-as em Parques Nacionais, Reservas Florestais e Séries Artísticas, sabiamente conservadas para aumentar os seus encantos.

Nos E. U. é célebre o Parque Nacional de Yelliwstone instituído como tipo de paisagem primitiva e floresta virgem e restabelecido com a flora e a fauna que a cultura agrícola e a civilização fizeram desaparecer.

Na Bélgica, o Rei Leopoldo II fez doação dos seus domínios de Laeken, Teruren, Ostende, Cierenne e Ardenne, com a condição de constituírem reservas de ar puro e de beleza pitoresca.

Em Espanha, parques da Natureza foram criados, e em quase todos os países, matas nacionais ou séries das mesmas, têm sido ordenadas como reservas artísticas, que ficam excluídas de toda a exploração lucrativa, e destinadas a enriquecer a paisagem e a aumentar o prazer dos viajantes e dos artistas, que nelas se vão inspirar, interpretando o belo da Natureza.

Muitos homens de alma elevada e generosa, apostularam no sentido de desenvolver a arborização e de atrair o público às florestas, vulgarizando os seus encantos e protegendo as belas e notáveis árvores.

Com este fim, fundaram-se em muitos países Sociedades de Amigos das Árvores e dos Amigos do Campo e do Turismo, visando todas o amor da árvore e das florestas, mananciais de beleza e da riqueza das nações.

Portugal, também chegou a entrar nesse caminho, e uma pleiade de apóstolos da árvore, tendo à sua frente o inclito cidadão que foi o Dr. José de

Castro, fundou a Associação Protectora da Árvore, que bastante fez em prol da arborização, só sendo de lamentar a forma como foi desprotegida e levou ao seu desaparecimento.

Todavia, no nosso país, a providência foi pródiga na distribuição de maravilhas naturais e os Serviços Florestais conservam há muito tempo a Mata Nacional do Bussaco e o Parque da Pena em Sintra, como séries artísticas que pela sua situação, vegetação e variedades da flora, constituem grandes atractivos para o turismo.

Presentemente, empenham-se os mesmos Serviços, na conclusão das Reservas Integrais, Naturais, Turísticas e Paisagistas, que conduzirão à grande Reserva Nacional, abrangendo uma área superior a 30 000 hectares, e que incluirá parte das serras do Norte do país denominadas: Peneda, Soajo, Amarela e Gerez.

Algumas considerações a propósito do comércio mundial dos principais produtos florestais primários

(Conclusão da pág. n.º 288)

que a maioria dos países em causa pode contar para rapidamente criar um significativo comércio exportador, os produtos florestais tornaram-se, assim, para os países em vias de desenvolvimento produtos de eleição, produtos de esperança, e daí a responsabilidade que recairá sobre aqueles dos seus governos que não aproveitem plenamente as excepcionais oportunidades que, na presente conjuntura, se oferecem de acelerada e ampla expansão das exportações de tão essencial elemento do potencial de crescimento dos seus países.

Março de 1969.

ERRATA

No n.º 2636 pág. 244 16ª linha verificou-se lamentável gralha que corrigimos com o pedido de desculpa. Onde se lê *condiciona-se*, deverá ler-se *correlaciona-se*.

A Bela Arte dos Jardins

Os Jardins Italianos

Por

HORÁCIO ELISEU

Reg. Florestal

Ao romper do século XVI, a bela Arte dos Jardins iniciou na Itália, pela mão dos arquitectos, um dos mais brilhantes períodos da sua evolução, expresso em realizações inspiradas nas melhores da Antiguidade greco-romana, oferecendo características e inovações que se conjugaram para criar o «novo estilo», anunciado por Colonna. Entre as mesmas características e inovações, destacamos as seguintes:

1—Íntima coordenação funcional e artística entre a casa e o jardim.

2—Integração, na estética do jardim, dos valores panorâmicos exteriores ao mesmo, pelo que os jardins italianos mais característicos deste período histórico se implantaram em vertentes e se ordenaram em terraços.

3—Estilo de composição estritamente geométrico, ou architectónico, com efeitos na própria vegetação.

4—Perfeita unidade de ordenamento, desenvolvido segundo eixos e centros de simetria (o jardim deixou de apresentar-se

como um agregado de partes embelezadas, para constituir um todo orgânico unificado).

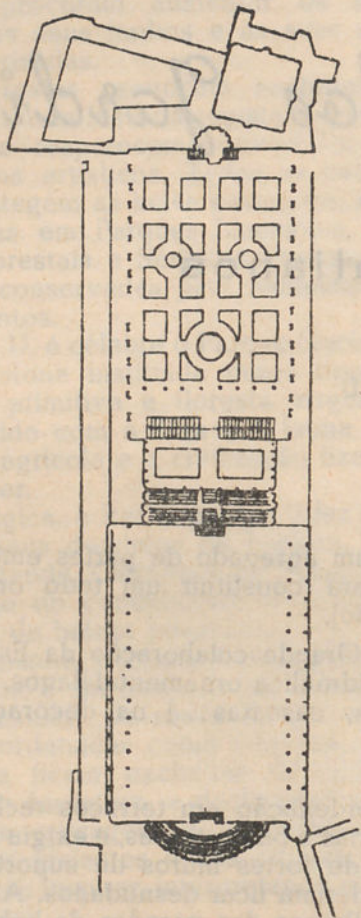
5—Grande colaboração da Escultura e da Hidráulica ornamental (lagos, fontes, repuxos, cascatas...) na decoração do jardim.

A ordenação em terraços reclamava escadarias e balaustradas, e exigia a construção de fortes muros de suporte, que não poderiam ficar desnudados. Assim, e à semelhança das paredes da habitação, tais muros eram revestidos de cantaria ou de mármore, e recebiam nichos, mísolas, pilastras, molduras, cornijas e outros ornatos, num encadeamento contínuo de elementos decorativos, em que não faltavam estátuas.

No âmbito das características que acabamos de referir, os jardins italianos da Renascença não deixaram de oferecer, como é natural, algumas variantes de composição, classificáveis, para comodidade de estudo, em quatro grupos ou categorias: a) *Jardins geométricos comuns*; b) *Jardins cenográficos*; c) *Jar-*

dins iconográficos; d) *Jardins didacticos* ⁽¹⁾.

a) Os *jardins geométricos comuns*, ordenados em terraços, assentavam nos flancos das colinas para servir de ebas a luxuosas «vilas», completando-lhes a



Plano esquemático do Jardim do Belveder, no Vaticano

arquitectura sob um mesmo eixo de simetria. O Jardim do Belveder e o Jardim da Vila Madama, dos quais passamos a ocupar-nos, foram os exemplares mais representativos desta primeira categoria.

⁽¹⁾ Classificação adoptada por Adeline Hulftegger e Jean-Charles Moreaux, em *L'Art et l'Homme* — Ed. Larousse, 1961 — a cuja primeira qualificação acrescentamos o adjectivo «comuns», para evitar que se presuma que só os jardins da primeira categoria eram «geométricos».

Projectado em 1503 por Bramante ⁽¹⁾, o Jardim do Belveder, no Vaticano, foi o primeiro verdadeiramente típico da Renascença. Este famoso jardim deve-se à iniciativa do papa Júlio II, que decidiu estabelecer uma ligação condigna entre o Palácio do Vaticano e o Belveder que o papa Inocência VIII mandara construir no alto da colina fronteira.

Bramante resolveu o problema abrangendo no arranjo toda a área dum grande rectângulo, com 80 metros de largura por cerca de 300 metros de comprimento (distância que mediava entre o Palácio e o Belveder). E, inspirando-se nas ruínas, muito mais que milenárias, do jardim de Lúculo, ainda visíveis no Monte do Pincio (a «Colina dos Jardins» da velha Roma), reduziu as irregularidades do terreno a uma série de três desníveis, correspondentes a outros tantos terraços. Estes foram limitados, lateralmente, por dois braços de edifícios com arcarias. E, porque o Belveder não ficava ao eixo da composição, Bramante disfarçou a anomalia fechando o topo superior do rectângulo com um novo edifício, tratado em pórtico, abrindo-lhe ao centro uma grande *loggia*, ou ábside monumental, para comandar o eixo de simetria.

Neste enquadramento, a composição desenvolveu-se pela maneira seguinte: Do nível onde assentam a Basilica e o Palácio do Vaticano alcançava-se o primeiro e maior terraço do Jardim do Belveder, subindo uma curta mas larga escada de degraus em arco. Sobre o arranjo inicial deste recinto, nada sabemos; mas encontramos notícia de que foi, mais tarde, adaptado a pista de carrocel.

A diferença de nível entre este e o segundo recinto foi vencida com um muro de suporte encimado por um talude, cortados ao eixo por uma escada monumental. Subida esta, entrava-se no segundo terraço, ornado, em obediência ao projecto, com dois amplos relvados.

Uma dupla escadaria com dois lanços em cada ramo, embutida num segundo e mais alto muro de suporte, elevava-se transversalmente, em losango muito alon-

⁽¹⁾ Donato Bramante, considerado o maior arquitecto da Renascença, também autor do projecto da Basilica de S. Pedro, de Roma.

gado, para dar acesso ao terceiro e último terraço.

No pano central do muro, entre os dois ramos da escada, alternando com quatro pilastras, abria-se um grande ninfeu, ao eixo, entre dois nichos.

A meio deste terceiro terraço, adornado com floridos «parterres» e parece que também com plantações de loureiros, ciprestes e amoreiras, Bramante localizou uma grande fonte monumental. E, em pontos laterais, simétricos, colocou duas das mais preciosas relíquias da Antiguidade: os grupos escultóricos representando, respectivamente, o Tibre e o Nilo.

Pelas paredes laterais, muros de suporte e escadarias, Bramante distribuiu outras obras-primas da Escultura antiga — tais como o famoso grupo alusivo a Laocoonte, um magnífico Apolo (que ficou a ser conhecido como o «Apolo do Belveder») e uma Vénus de grande beleza — acrescentadas de obras-primas de escultores da época.

Assim, o jardim do Belveder, que ainda hoje conserva, no essencial, a sua estrutura e composição primitivas, abriu o passo à longa série dos *jardins-museus*, que tanto enriqueceram o património artístico da Itália, no período da Renascença.

Do *Jardim da Vila Madama*, localizado no Monte Mário, subúrbios de Roma, cremos que só subsistem alguns fragmentos.

Os projectos para esta «vila» e jardim foram encomendados, em 1519, pelo Papa Leão X, ao grande artista Rafael, que dominava com a mesma genialidade a Pintura, a Escultura e a Arquitectura.

Falecidos, o segundo em 1520 (apenas com 37 anos de idade) e o primeiro em 1521, os trabalhos foram suspensos e recomeçados, poucos anos mais tarde, por iniciativa do Papa Clemente VII, sob a direcção dos architectos António Baptista e Francesco San Gallo.

Os projectos de Rafael, cujo original se conserva em Florença, só parcialmente terão sido executados. E não sabemos, no que respeita ao jardim, com que alterações; pois o que resta da obra não permite o esclarecimento da dúvida.

O referido original já deu origem a dois estudos de reconstituição, bastante contraditórios, respectivamente em 1889

e em 1942; mas ambos, e sobretudo o segundo, suscitaram certas reservas e, por isso ou outro motivo, foram arquivados.

Quanto às descrições do jardim, as que conhecemos, além de breves são pouco explícitas e até contraditórias — talvez porque umas derivam, mais ou menos remotamente, do exame do projecto e outras do exame da obra acabada. Disso se ressentirá a sùmula que vai seguir-se.

A Vila Madama foi edificada a toda a largura dum alto terraço, precedido de um pátio de honra, do lado donde se avista o panorama de Roma.

Do lado oposto, o mesmo terraço prolonga-se em longa faixa, adornada com canteiros e limitada por um muro de verdura, aberto por janelas de arco, através das quais se disfrutava o incomparável panorama do Tibre.

A partir deste terraço, acessível, da moradia, por uma *loggia* central, o jardim desenvolvia-se, na falda do monte, por um encadeamento de figuras geométricas: um quadrado, um circulo e uma elipse — correspondentes a outros tantos terraços. Estas figuras, e os sistemas de duplas escadarias que as entreligavam, subordinavam-se a um mesmo eixo longitudinal.

No terraço cimeiro, existiam quatro nichos, preenchidos com estátuas.

No terraço quadrado, fechado por muros adornados com estátuas, centrava-se um lago com uma fonte, donde a água escorria para uma gruta inferior.

No terraço circular, distribuíam-se quatro exedras, cinco nichos com estátuas e quatro colunas.

No terraço ilíptico existiam duas fontes decorativas. Este último terraço comunicava, por uma pequena escada, com a rua de ciprestes que percorria a vertente.

O projecto de Rafael previa a implantação, a níveis mais baixos, dum hipódromo, dum pomar, de um ninfeu e de outros terraços. Mas não sabemos se algum destes elementos chegou a ser executado.

• • •

Os jardins do Belveder e da Vila Madama foram os protótipos dos jardins italianos da Renascença, ou ofereceram

A SINGELA CULTURA DA SOJA

Por J. COSTA ROSA
Regente Agrícola

ENFILEIRO muito conscientemente no número das pessoas que, compreendendo e sentindo quanto um sistema de alimentação racional prolonga e aligeira a vida, tornando-a largamente apta a ser vivida sem achaques de maior, recorrem a certos produtos alimentares que a indústria coloca ao nosso dispor para podermos compensar as deficiências da alimentação vulgar, na qual nem tudo de que é dotada, nem todos os princípios indispensáveis ao perfeito equilíbrio do que o nosso organismo necessita para vivermos com saúde, e nas doses requeridas para tal efeito, se encontra nessa alimentação — umas vezes pobre em demasia provocando doenças carenciais nem sempre fáceis de reme-

os temas de que estes constituíram as variações.

Concebidos com grandeza, os mesmos jardins nunca pretenderam transcender a escala humana, fiéis ao princípio enunciado por Leonardo De Vinci de que «o Homem é o modelo do Mundo». Subordinados à Geometria, eles sempre obedeceram ao conceito renascentista de que o jardim «é uma obra em que a Natureza é submetida às regras do espírito humano». Assim, o Humanismo da Renascença duplamente se reflectiu nos jardins da época.

diar, outras vezes rica em excesso concorrendo por isso para os perigosos estados de superalimentação que tão facilmente conduzem às escleroses diversas, à ruína do fígado, às doenças cardiovasculares que tantas vidas imprudentes ceifam pelo mundo fora, em cada ano.

São tétricas as estatísticas a tal respeito.

E porque compreendo e sinto quanto é necessária uma suplementação artificial, equilibradora do normal, do corrente regime alimentar deficitário de alguns dos mais importantes elementos que é em geral o de todos nós, os que comemos e bebemos dos mercados e lojas do comum das gentes — é por isso que, embora um pouco tardiamente na vida, mas ainda com o maior e mais brilhante proveito relativo, eu ponho em prática, na medida do possível, essa boa regra de suplementação da dieta vulgar por meio de preparados industriais que compensem as faltas existentes na alimentação — quando não há nela os excessos duma cozinha opípara como é a nossa portuguesa, com raízes fundas no pantagruelismo dos clássicos tempos conventuais.

E dentre os produtos que uso para o enriquecimento da minha alimentação vulgar figura a farinha de soja, de fabrico estrangeiro, porque outra não encontro no mercado.

... E fica-se a pensar porque será que no nosso país nunca esteve em grande favor a cultura da soja, tão singela como a do feijão, o qual, nas suas diversas variedades, se espalha por todo o continente, territórios insulares e ultramarinos; assim a soja poderia ser produzida também em escala gigantesca em tantas áreas desse mesmo Ultramar, se para lá fosse conduzida a sua cultura com acerto e decisão.

Que eu saiba, houve apenas, vai para uns trinta anos, um surto grande de cultura da soja altamente propagandeada, a que a Lavoura (como sempre, e nos nossos dias está decorrendo também com a cultura do tomate para fins industriais) correspondeu com o maior entusiasmo, lançando as suas sementes aos campos preparados segundo as indicações que lhe eram dadas e que cumpria com suficiente rigor e maravilhoso espírito de realização. A *campanha da soja*, nesse tempo, foi um êxito — mas bem cedo a Lavoura se encontrou abandonada quando tal cultura deixou de interessar à indústria que a incrementara, num período passageiro de sua particular necessidade de oleaginosas para espremer e dividir entre óleos e bagaços.

E a cultura morreu — com pena e sem glória.

De resto, nós próprios, os técnicos agrários, nunca fomos especialmente solicitados, e muito menos compelidos, a propagandearmos tal cultura — considerada como uma espécie de *chinesice* —, embora ela seja reconhecidamente útil, benéfica, tanto para gentes como para gados e terrenos, de melhoradora que é. Quando há quase uma trintena de anos a fiz, foi em escala muito reduzida, por mim próprio e para mim mesmo, e para os meus. Mas eu sei bem com que dificuldade essa cultura esbarra, como alimentar, em grão: é que ele, na verdade, não apresenta as qualidades gustativas do feijão, dos feijões usuais, mais saborosos, mais gostosos, mais adaptados ao paladar criado em tradição em gerações entre a nossa gente...

Como se isso fosse um problema!...

Como se não existissem condimentos vários capazes, capacíssimos de lhe darem os sabores que o tornem atraente ao pala-

dar, como qualquer saboroso feijão — este, mesmo na sua riqueza alimentar, muito mais pobre que a nobre e altamente nutritiva soja!...

A ela se chama vulgarmente — a *vaca chinesa*. Ela é, na verdade, oriunda da China (mais delimitadamente, da Mandchúria); e como dela se extrai, entre outras coisas mais, um leite do qual se faz queijo, além de ser esse leite directamente usado na alimentação humana, essa designação, longe de dever apresentar um caso de ironia, que seria descabida, deverá antes figurar como uma homenagem ao seu elevado papel na saúde e na vida de quem a consome, em virtude do seu alto teor em proteínas, que são, como é bem sabido, condições indispensáveis dessa própria vida: esta só existe quando e onde elas existem; não há proteínas — não há vida.

Encontro a notícia recente de que, no Noroeste mexicano e mercê do esforço do Departamento do Feijão e da Soja do Instituto Nacional de Investigações Agrícolas daquele país, foram ultimamente cultivados com soja 123 500 hectares de terrenos; e que, dentre estes, não foram só os de agricultores de medianos ou ricos haveres, entusiastas da cultura em franco progresso, mas também se semearam os terrenos dos colonos das terras distribuídos pelo Estado — os chamados *ejidatários* —, uma faceta daquilo que os mexicanos chamam com o maior orgulho: «A nossa Revolução Agrária». Pacífica, entretanto.

O INIA não faz ciência pura, ciência pela ciência; o que sabe e averigua através dos seus Campos Experimentais transmite-o fielmente à Lavoura interessada, que nesses Campos vai procurar directamente, como em prestante e útil Serviço de Extensão Agrícola, os ensinamentos de que precisa para cultivar a soja, aliás por meio de regras que muitíssimo se parecem, na sua singeleza, com as dos vulgares feijões anões, seus irmãos mimados do interesse da Lavoura e tão parecidos no seu porte e nas exigências de cultura, bem comuns, com as da *enteada* dos nossos lavradores: a soja, a *vaca leiteira chinesa*, mais rica do que os feijões, fácil de cultivar como eles — mas tão desprezada, não sei bem porquê.

Em favor de uma política de bem-estar rural

Por J. PINTO MACHADO
Arquitecto

No domínio da habitação rural, considera-se que um dos problemas de mais difícil solução é o da tentativa de eliminação dos alojamentos insalubres, na maioria ocupados pelos trabalhadores mais pobres.

E se concordarmos que a quase totalidade dessas habitações apresenta um aspecto ruinoso e decadente e se acrescentarmos que nelas subsiste uma inobservância de metodologia habitacional, teremos de admitir que, para se poder adoptar uma política de renovação do alojamento rural, o melhor caminho a seguir seria o de construir novas habitações, em terrenos mais propícios, mais salubres e melhor orientados.

Reconheçamos, no entanto, que esta solução iria provocar uma série de dificuldades, não só respeitantes às participações orçamentais e aos subsídios a conceder, mas também à aquisição dos terrenos a tal fim destinados.

Esta acção envolveria, pois, a criação de novos aglomerados habitacionais, que naturalmente exigiriam o indispensável equipamento, nomeadamente os edifícios de interesse colectivo e as infraestruturas de base (água, esgotos, electricidade), equipamento esse que viria onerar, ainda mais, o montante de despesas a subscrever.

Admitindo mesmo que o rural acataria com agrado a mudança para outro local e para outras habitações (muito diferentes daquelas a que estava habituado, dada a

nova concepção funcional e distributiva), seria necessário recorrer de uma política de terrenos, para efeito da construção dessas habitações, facto este de difícil concretização nos meios rurais.

Nesta ordem de ideias, o custo final de cada habitação seria, de certo modo, elevado, pois haveria de nele ser incluído o custo do terreno sobre o qual será construída a habitação. Poderá, no entanto, encarar-se a hipótese de esses terrenos serem cedidos pelas autarquias locais ou cedidos por pessoas gradadas da terra. Nestes casos, teriam de ser garantidas, determinadas condições propícias à implantação do novo agrupamento habitacional, mormente referidas à salubridade, à insolação, à distância entre os locais de trabalho, etc.. Apontados estes óbices, parece que o melhor partido a seguir seria o de tentar proceder-se tão somente ao melhoramento das actuais construções, por forma que, dentro do possível, possam adaptar-se às condições e às exigências habitacionais da vida hodierna.

Por outro lado, poderia ainda tentar enveredar-se pela compra de algumas habitações ora em regime de arrendamento, no sentido de posteriormente poderem ser adquiridas, através do recurso a subsídios e a empréstimos, pelos actuais inquilinos. O que importa, adentro de uma política deste teor, é que cada família habite uma casa própria, higiénica e suficiente para alojar todo o agregado familiar.

Para isso, deveria garantir-se ao rural

a necessária ajuda técnica e financeira, esta concedida através de participações e de empréstimos a longo prazo e a baixo juro, segundo as disposições contidas em alguns diplomas para o efeito promulgados. Como se sabe, alguns desses diplomas garantem subsídios não reembolsáveis, que podem atingir 50 % do custo total das obras realizadas, e participações que chegam a atingir 80 % do valor da construção.

E porque nem sempre o rural é receptivo quando lhe são propostas soluções desta natureza, seria de aconselhar que, a par daqueles subsídios e participações, lhe fossem concedidos prémios e incentivos de vária ordem, por forma a estimulá-lo na colaboração e na participação solidária que deverá emprestar a uma obra desta envergadura, dirigida ao ressaneamento e à salubridade da habitação rural.

No que reporta ao destino das verbas orçamentais destinadas à beneficiação dos alojamentos, poderemos aceitar que, perante a conjuntura que o país atravessa, o montante reservado para esse fim não será o bastante para cobrir todas as carências e programações. Tal facto implicará, por certo, o recurso a um plano de prioridades.

Assim sendo, terão de seleccionar-se criteriosamente as aldeias que primeiramente haverão de ser sujeitas a programas de ressaneamento habitacional, aldeias essas que naturalmente haverão de possuir determinadas potencialidades e influência que justifiquem a sua selecção.

Por outro lado, e no que diz respeito à beneficiação ou à reconstrução de uma casa, também aconselhamos que se proceda a uma justa e rigorosa selecção, não apenas pelas razões acima apontadas, mas também para que possam evitar-se futuras especulações, particularmente por parte dos respectivos proprietários. Ora, para que as obras a realizar possam considerar-se viáveis e sensatas, seria essencial que, em primeira análise, fossem observadas as seguintes medidas:

a) não conceder quaisquer subsídios ou participações, pelo menos numa primeira fase de actuação, aos proprietários que mantenham o seu fogo em regime de aluguer, tendo-se em conta que a beneficiação dessa construção poderia originar futura especulação no valor da renda. Como atrás mencionámos, poderia tentar adquirir-se esse fogo ao seu proprietário, para seguidamente o vender, ao abrigo das leis de participações e subsídios, ao actual inquilino, desde que este não seja proprietário de qualquer outro alojamento;

b) para uma imediata execução dessas obras de beneficiação, apenas se deveriam seleccionar, para além das condições expostas, as habitações pertencentes aos proprietários que nelas se alojam;

c) em qualquer das hipóteses, mesmo naquelas em que o Estado ou as autarquias locais não puderem conceder ajuda técnica, sempre que o rural entenda beneficiar ou reconstruir a respectiva habitação.

Atendendo, finalmente, que o montante das verbas a destinar à concretização da política em causa não poderá, pelas razões apontadas, abranger todo o panorama habitacional rural do país, seria aconselhável evitar, na medida do possível, a construção de novas habitações em novos bairros, dado que uma tal solução poderá atingir, para cada caso, uma cifra de cerca de 50 000\$00, mesmo contando que cada proprietário venha a colaborar com a mão-de-obra e a fornecer os materiais de construção inerentes à respectiva obra.

Seguindo-se esta premissa, deveria restringir-se ao mínimo a construção de novos alojamentos (ou mesmo a substancial ampliação de outros), orientando somente toda a acção em favor da beneficiação das actuais construções, muito embora, em alguns casos desesperados, se possa por vezes encarar a hipótese de construção de uma ou outra nova habitação.

O provisionamento artificial das abelhas

II - FORMULÁRIO

Pelo eng. agrônomo VASCO CORREIA PAIXÃO
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do n.º 2632, pág. 98)

C — Vitamina amino-ácidos

DEVE ter sido Leon Hergueta Navas quem primeiramente chamou a atenção dos apicultores para a relação estreita do tocoferol ou vitamina E com a faculdade prolífica da rainha e dos zangãos.

Nas suas experiências, em épocas de floração polínifera quase esgotada, os exames artificiais apresentavam-se frequentemente com rainhas zanganeiras, ao passo que subministrando aos núcleos, nas mesmas condições florais, dieta reprodutora, as mestras neles nascidas acusavam fecundidade normal.

Lançadas as vistas para o problema dos micronutrientes e sabendo-se que o mel contém, pelo menos, as vitaminas A, BA e C, vem-se consolidando, ultimamente, com fortes razões, a ideia de que é preciso oferecer às abelhas um suprimento alimentar onde uma gama desses elementos se encontre ao seu alcance.

Jean-Claude Bosset mostrou, depois, que as vitaminas do complexo B, além de favorecerem o metabolismo dos açúcares, são factores que aceleram os processos de crescimento de todos os seres vivos, circunstância de particular interesse nas

abelhas, por o desenvolvimento larvar ser muito mais rápido.

Actualmente, por isso, mesmo que se trate apenas de completar as deficientes provisões de mel das abelhas, prefere-se empregar açúcar e mel juntos, em vez de xarope só de açúcar; o mel intervém para vivificar o açúcar que, como é do conhecimento geral, não tem vitaminas (Zappi-Recordati).

Como fornecedores de tocoferol, quando escasseia o pólen, indicam-se a gema de ovo, as farinhas de trigo ou de soja, leite puro, etc.; como propiciadores das vitaminas A, BA e C recomendam-se o Becozyme forte e o sumo de limão, respectivamente.

É óbvio que nas formulações atrás citadas, onde entram gemas de ovos, farinhas diversas ou leite, está implícita a presença de vitaminas; só incluiremos neste parágrafo, consequentemente, as receitas em que os seus autores expressamente revelam a preocupação de fornecer micronutrientes às abelhas.

Muito mais recentemente ainda, o mesmo Jean-Claude Bosset, que introduziu o Becozyme forte em Apicultura, patenteou o interesse alimentar dos hidrolisatos de proteínas, substâncias extraídas das vezes da caseína do leite,

Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.

extremamente ricas em amino-ácidos essenciais à vida; rasgaram-se, assim, novas perspectivas de intensificação da postura das mestras e de desenvolvimento das larvas resultantes, que importa divulgar para se poder tirar uma conclusão definitiva acerca do seu valor autêntico neste campo.

(154) Fórmula de Leon-Hergueta Navas

Composição — Mel — 400 gr; gemas de ovos secas e pulverizadas — 50 gr; grãos de trigo pulverizados — 40 gr; fosfato de cal assimilável — 10 gr; ácido salicílico dissolvido num pouco de álcool a 50°-0,05 gr.

Este récipe é equivalente ao de Perret-Maisonnewe (117), no qual foi substituída a farinha de centeio pelos grãos de trigo pulverizados, dada a grande riqueza deste cereal em vitamina E.

Preparação — Triturar muito bem os componentes sólidos num almofariz e, quando a mistura for perfeita, adicionar-lhe o mel, homogenizando tudo; nessa altura, juntar a solução de ácido salicílico na pasta e agitar até se obter a sua incorporação íntima no conjunto.

Aplicação — Subministrar «pólen artificial», quando as abelhas não possam acarretar tágarras para as colmeias devido a frios intensos, chuvas persistentes ou ventos ciclónicos.

Para o efeito, o autor dá a cada enxame, diariamente, enquanto persistir o mau tempo, uma colher de café deste récipe.

Acondicionamento — Em tabuleiros baixos ou folhas de papel, que se introduzem sobre os quadros, através da «fenda de voo» das colmeias.

Conservação — Quando a mistura, designada por dieta reprodutora em vista dos seus objectivos, não puder ser consumida totalmente, no dia em que for preparada, é conveniente incorporar-lhe três gotas de formol, amassando depois todo o preparado.

(155) Fórmula de Zappi-Recordati

Composição — Melittosio, isto é, como já se referiu, açúcar desnatado com pasta de alho e urzela.

Preparação — Oferece-se às abelhas tal como vem preparado (tabletas); dada a grande humidade que contém e a que se forma nas colmeias, especialmente durante o Inverno, as abelhas logram muito bem utilizar o récipe no seu estado sólido. No entanto, quem assim o desejar, pode transformar o produto em xarope, subministrando-o dessa forma aos insectos.

Aplicação — Reforçar o aprovisionamento das colmeias na quadra hibernal, mas com maior benefício para as abelhas, dado que se trata dum récipe mais rico que o açúcar comum, pela presença da pasta de alho, portadora de grande quantidade de vitaminas e também dum poder antisséptico notável.

Acondicionamento — Se se usarem as tabletas, podem estas ser colocadas directamente sobre os quadros ou debaixo destes, através «fenda de voo» das colmeias; se se optar pelo xarope, este deverá ser administrado em alimentadores, como é óbvio.

Conservação — Na sua forma sólida, o récipe mantém-se inalterável bastante tempo, estando ao abrigo da humidade; porém, uma vez transformado em xarope, deve ser utilizado tão depressa quanto possível.

(156) Fórmula de «As Abelhas» — número de Fevereiro de 1967

Composição — Açúcar — 1 kg; água 1 litro; sumo de meio limão.

Preparação — Faz-se um xarope espesso com o açúcar e a água, deixando ferver durante um quarto de hora; quando estiver morna, junta-se à mistura o sumo de limão, cujo fim principal é enriquecer o lambedor com vitamina C.

Aplicação — Este récipe é aconselhado para a manutenção das abelhas durante o Inverno, visto que para elas se desenvolverem ulteriormente, na Primavera, terão necessidade de pólen.

Acondicionamento — Em alimentos, dada a natureza do produto.

Conservação — Emprego imediato.

TEMAS DE ENOLOGIA

Condições dos Factores de Desenvolvimento das Leveduras Condições da Fermentação Alcoólica

Por
NOBRE DA VEIGA
Enólogo

(Continuação do n.º 2635 pág. 216)

XVIII

Acção da fermentação

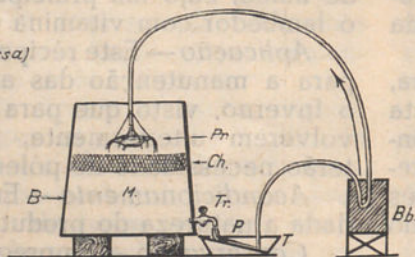
REMONTAGEM (Vinhos Tintos)

A remontagem é uma prática a que os técnicos recorrem, para melhor conduzirem as fermentações alcoólicas de massas tintas e para lhes fornecerem o indispensável oxigénio, para a vida e desenvolvimento das leveduras.

PRÁTICA DA REMONTAGEM (Vinhos Tintos)

LEGENDA

- M-mosto
- B-balseiro
- Ch-chapéu
- Pl-plato (não interessa)
- Tr-torneira
- P-pia
- T-tabua inclinada
(também pode ser dispensada)
- Bb-bomba



A remontagem deve ser sempre praticada ao princípio da fermentação alcoólica e nunca depois da primeira metade da F.A.. Basta arejar $\frac{1}{3}$ do mosto.

Como já se disse antes da fermentação alcoólica despertar, ou logo no seu início ou quando muito no decorrer da primeira metade da actividade fermentativa tumultuosa, e nunca depois desta estar além da sua primeira metade, procede-se a um arejamento dito remontagem.

Faz-se correr o mosto M do balseiro B para uma pia P para o que se abriu a torneira Tr. Por meio de uma bomba Bb faz-se um circuito do mosto entre B e P no sentido de P para B. A bomba Bb aspira o mosto contido em P e despeja-o em B sobre o prato circular Pr, sob o qual se encontra o «chapéu» que é constituído pela parte sólida (películas, grainhas, algum engajo e outras substâncias mucilaginosas).

A enologia moderna diz que a colocação do prato Pr e da prancha de T, não são necessários, sendo

suficiente o arejamento sem estes utensílios e tanto mais se for utilizada uma forte pressão.

Há enólogos que dizem ser suficiente o arejamento durante o esmagamento, mas segundo estudos feitos por outros especialistas, a remontagem é absolutamente necessária e muito útil. O arejamento durante o transporte (uvas, massas ou mosto) é insuficiente.

Também quanto à oportunidade da remontagem, embora aqui tivessemos insistido que se deve fazer no início da fermentação alcoólica, há contudo alguns técnicos que também aconselham no fim da F.A., o que — dizem — permitirá continuar o trabalho das leveduras. Quere isto dizer que as opiniões divergem.

Quanto a nós diz-nos a prática, aliada aos ensinamentos colhidos na Universidade Francesa que a remontagem se deve fazer no início da F.A.. Todavia já tivemos um caso que contradiz a nossa tese. Quando laboramos massas tintas na Adega Cooperativa da Chamusca, procedeu-se ao arejamento de um depósito n.º 10, cuja fermentação decorria demasiadamente vagarosa com a densidade de 1015. Depois do arejamento houve na verdade uma reacção, tendo a densidade atingido os 998.

Apesar do caso que apresentamos e que consideramos excepcional insistimos em que o arejamento se deve fazer nas primeiras 24 ou 48 horas de actividade fermentativa. As leveduras multiplicam-se

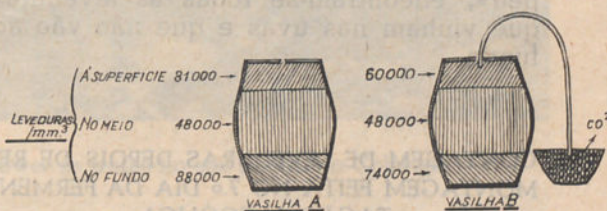
bem no princípio e para o fim até o grau do vinho contribui para perturbar o trabalho das mesmas.

No esquema I pretende-se mostrar a vinificação de massas tintas em recipiente fechado, vendo-se o efeito de remontagem com arejamento.

De acordo com esse gráfico que obtivemos na Escola Superior de Enologia, da Faculdade de Ciências, da Universidade de Bordeus, emitem-se os seguintes pareceres: a remontagem é eficaz logo que é feita no início da F.A., não devendo fazer-se além do 2.º dia. Nunca deve ser feita ao 8.º dia.

Está portanto demonstrado que o ar é necessário à fermentação alcoólica. Tanto assim é, que quando a F.A. decorre em vasilha fechada (tonel, casco, depósito, etc.) as leveduras desenvolvem-se sobretudo à superfície do mosto.

CONTAGEM DE LEVEDURAS NUMA F A DE MOSTOS BRANCOS



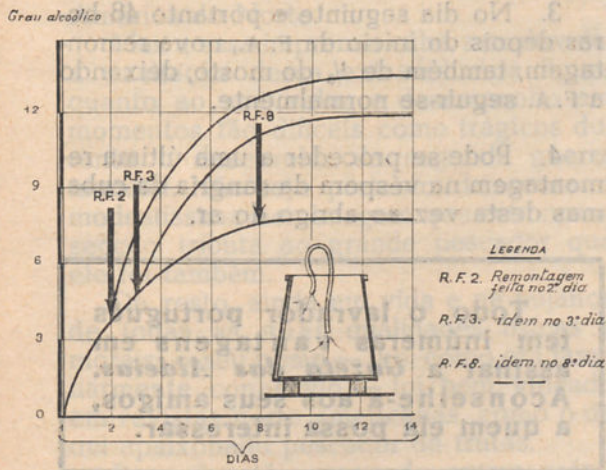
Vasilha A. Aberta e portanto em contacto com o ar

Vasilha B. Fechada e portanto sem ar. O «barboteur» permite a saída do ar, mas não o deixa entrar

Contaram-se pois as leveduras à superfície, no meio e no fundo do mosto, onde se formam as lias. À superfície deixam-se sempre algumas películas para que a F.A. se faça melhor.

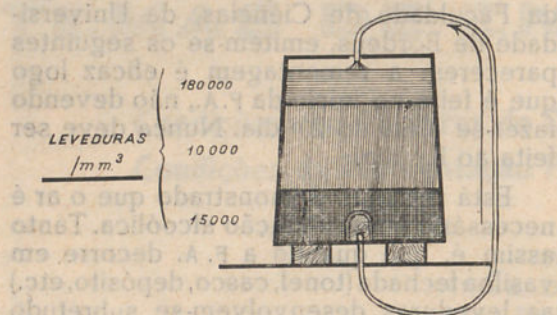
A experiência incidiu sobre uma vasilha destapada A e portanto em contacto com o ar e sobre uma outra vasilha fechada, cujo batoque (rolha) é atravessado por um «barboteur», (válvula de segurança) que permite a saída do gás carbónico CO².

ESQUEMA I



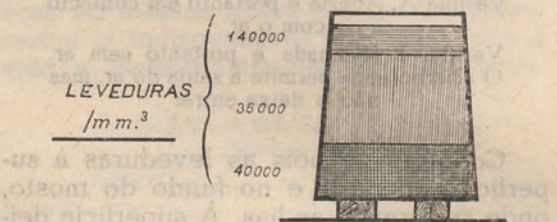
Em geral, encontram-se mais leveduras na vinificação em branco do que em tinto.

REPARTIÇÃO DE LEVEDURAS EM MASSAS TINTAS DE «CHAPÉU FLUTUANTE» EM VASILHA DE MADEIRA



O número de leveduras é maior no «chapéu», o que prova que a actividade no mesmo, é mais importante devido ao ar e à temperatura. Além disso no «chapéu», encontram-se todas as leveduras que vinham nas uvas e que não vão ao fundo.

CONTAGEM DE LEVEDURAS DEPOIS DE REMONTAGEM FEITA NO 7.º DIA DA FERMENTAÇÃO ALCÓOLICA



A remontagem não só arejou o mosto, como também o beneficiou, fazendo uma melhor distribuição das leveduras, devido à mistura das diferentes camadas do mosto.

O vinho de prensagem é mais rico em leveduras e por isso fermenta mais rapidamente.

EFEITOS DA REMONTAGEM

- Introdução de ar.
- Homogeneização das massas no que se refere ao açúcar. Na parte superior das mesmas o açúcar desaparece mais depressa.
- Homogeneização da temperatura.
- Arrefecimento da superfície do mosto e portanto do «chapéu».
- Com a mistura do líquido há uma melhor repartição das leveduras.
- Facilita a maceração ou lexivagem das massas.

A remontagem é considerada uma operação indispensável na vinificação de massas tintas.

OPERAÇÕES A EFECTUAR COM A REMONTAGEM NA VINIFICAÇÃO DE MASSAS TINTAS

1. Fazer a remontagem logo que a cuba está cheia e portanto antes da fermentação alcoólica despertar. Esta remontagem pode ser feita com ou sem ar, visto que o seu fim principal é homogeneizar as massas e o SO₂.
2. Vinte e quatro horas depois da fermentação alcoólica, deve-se efectuar nova remontagem, como arejamento, de 1/3 das massas contidas na cuba, com o fim de activar as leveduras. Esta remontagem não deve ser domorada.
3. No dia seguinte e portanto 48 horas depois do início da F. A., nova remontagem, também de 1/3 do mosto, deixando a F. A. seguir-se normalmente.
4. Pode-se proceder a uma última remontagem na véspera da sangria da cuba, mas desta vez ao abrigo do ar.

Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.

CAÇA E PESCA

MORREU UM PESCADOR...

Por
ALMEIDA COQUET

NÃO veja o leitor irreverência da minha parte, ao referir-me assim ao desaparecimento de Eisenhower, quando toda a imprensa mundial o aponta — e com toda a justiça — como um extraordinário cabo de guerra e um notabilíssimo Presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

Mas a essa imprensa cabe, sem dúvida, a exaltação dessa extraordinária figura quanto ao seu valor e desempenho em momentos tão difíceis como trágicos durante o desenrolar da segunda guerra mundial. Não seja, portanto, de recusar a modestíssima homenagem que esta nossa secção tributa ao grande pescador que ele foi também.

De resto, ainda em vida e na pujança de todas as suas qualidades físicas e morais, o seu nome — Ike, como era familiarmente conhecido — foi bem vincado em revistas norte americanas, como o de um apaixonado pescador de trutas.

Recordo até — segundo rezam crôni-



Eisenhower às trutas no seu ribeiro no Colorado

cas da época — a célebre tabuleta fixada na sua cabine de pesca, num ribeiro passando através do seu «ranch» no Colorado e que dizia:

AVISO — Febre de pesca. Cuidado — Contagiosa e perigosa. Sintomas: febre durante a primavera; o doente tem longos periodos de abstracção. Alérgico ao trabalho. Consulta mapas e catálogos de artigos de pesca, e examina cuidadosamente a sua caixa de amostras e plumas!

Para muitos poderá parecer infantil que um Presidente tivesse momentos de tão profunda atenção com a prática de um desporto de que resultava meter no cabaz trutas de palmo a palmo e meio! Se ainda ao menos fossem salmões de muitos quilos...

Mas não julgue o leitor que Ike, com a prática deste «hobby», era uma exceção. Já outros assim fizeram.

E já que falei em Presidente dos Estados Unidos da América vem a propósito citar um outro, Herbert Hoover, também pescador entusiasta e que publicou um livro em 1963 sob o título: *"Fishing for fun—and to wash your soul"*, onde faz afirmações curiosíssimas a propósito da pesca, desporto que ele classifica como disciplinador quanto à igualdade dos homens; porque todos os homens — diz ele — são iguais perante... um peixe!

Mas não é só na América do Norte que vemos pessoas da maior importância, desempenhando os mais altos cargos, a praticarem os desportos que lhes são mais caros.

No entanto, a muita gente custa compreender o significado real deste desporto da pesca aos «peixinhos». E precisamente, talvez por isso, é que entre nós, nestes últimos vinte anos, se vem travando uma luta acesa para se conseguir que a pesca nas nossas águas interiores — principalmente aos salmonídeos — seja organizada em moldes de utilidade prática, não só para muitíssimos adeptos de pesca como ainda para a Nação.

Mas voltando a Eisenhower, convém dizer o cuidado que ele dedicava a toda a sua organização de pescador de trutas. Até se deu ao cuidado de inventar uma pluma, isto é, uma mosca artificial bastante vistosa — como quase todas as plumas norte-americanas — e com a qual parece ter obtido os melhores resultados!

Não se julgue, no entanto, que ele se aproveitava dessa vantagem para fazer pescarias colossais! Apreciava certamente pescar algumas trutas que não deixava de saborear na companhia dos seus amigos pescadores. Própriamente na pesca o que ele mais apreciava, era «enganar» bem as trutas, e se as enferrava, obter um bom combate até as dominar. Não era o «número», não era o «record» que o preocupava. Só isto, já o qualifica como

um verdadeiro «sportsman», coisa que também muitos não compreendem...

Recordo-me o que, por volta de 1955, revistas norte-americanas deram a público sobre a «perigosa doença» de que o Presidente Eisenhower estava atacado... Precisamente aquela a que se referia a tabuleta já citada, à entrada da cabine de pesca, junto ao seu ribeiro predilecto. E recordo-me também de algumas notícias da ocasião dizendo: — «O Presidente Eisenhower partiu ontem de Washington para alguns dias de pesca no Colorado».

Mas a bisbilhotice jornalística não parava e dava detalhes completos quanto à sua preferência de canas de bambu em vez das de vidro, que então tinham começado a aparecer. E os carretos, as linhas, sedielas, plumas, até à sua habilidade como... cozinheiro das trutas pescadas!

Pois bem. Ninguém pode negar as qualidades e os altos predicados desse grande condutor de homens, como militar e como chefe de uma grande nação! E teremos que admitir que alguma coisa de elevado e transcendente ele encontrava nas horas em que, metido na água, jogando a linha atrás e adiante, colocava impecavelmente a pluma à frente duma arco-íris de doze polegadas!

Já Hoover disse no seu livro: — «o pescador tem de ser um contemplativo para aceitar o tempo que medeia entre as vezes em que o peixe morde... Tais interregnos dão ao pescador calma e reflexão — pois que ninguém pode pescar possuído de cólera... Terá que ter muita fé, esperança e optimismo, caso contrário nunca será um pescador».

Eisenhower, quando pescava, era também um contemplativo.

E agora, que partiu desta vida e deixou para sempre o seu querido ribeiro no Colorado, nós — os pescadores de trutas — só poderemos dizer adeus a este nosso «confrade», desejando: PAZ A SUA ALMA!

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES-CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo Eng. Agrónomo — *Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos, Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquei Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo, J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 36 — Assinante n.º 45 225 — Penacova.

LIMPEZA DE LARANJEIRAS

PERGUNTA — Envio algumas folhas de laranja atacadas de doença. Muito agradeço o favor, de me indicar qual o tratamento a fazer e bem assim os periodos em que o mesmo deve ser feito.

RESPOSTA — Para uma limpeza conveniente das suas laranjeiras que se encontram fortemente parasitadas por cochonilhas recomendamos-lhe desde já fazer o seguinte:

1.º Corte todos os ramos secos que a citrina apresente e aproveite a oportunidade para simultaneamente operar uma ligeira poda ao interior da copa, caso esta se apresente bastante adensada.

2.º Após a limpeza e o desempasta-

mento recomendado em 1, feita a colheita das laranjas maduras pulverize com jacto forte todas as laranjeiras com uma calda de Albolineum, Folidol-óleo ou equivalente, diluido em água a 10/0. Um mês decorrido, repita esta aplicação. Tenha presente que os produtos recomendados e o tratamento com eles feito é bastante venenoso não devendo por tal os frutos assim tratados serem consumidos sem que três semanas tenham decorrido após a sua aplicação.

Oportunamente, e a ser-lhe possível, agradecemos o favor de nos comunicar o resultado obtido. — Benevides de Melo.

★

N.º 37 — Assinante n.º 41 160 Vilarandelo

OLIVEIRAS QUE MORREM. COMPACIDADE DO SOLO?

PERGUNTA — Há quatro anos fiz uma plantação de 120 oliveiras que se desenvolveram bem, mas,

este ano, entre elas apareceram umas 15 com o aspecto que a amostra apresenta: as folhas secam e caem.

O terreno é bom e na ocasião da plantação foram adubadas com um bom estrume e com um complemento de Nitrofosca.

Que fazer, agora, às que se encontram com mau aspecto?

RESPOSTA — Pela amostra que nos remeteu não foi dado macroscopicamente apercebermo-nos de qualquer doença capaz de causar a morte das suas oliveiras.

Ponderando o assunto, afigura-se-nos que a morte referida, deverá estar mais relacionada com aspectos de compacidade de solo. Embora nos informe o terreno ser bom, é muito possível que dentre as 120 covas, existam 15 com características menos boas donde podem resultar condições pouco próprias para uma normal vegetação das plantas em causa. — *Benevides de Melo.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 38 — Assinante n.º 45 856 — Beira (Mocambique),

SERVIDÃO DE PASSAGEM

PERGUNTA — Disponho nesta localidade de uma propriedade, conforme esboço rudimentar que junto, presentemente atravessada por dois caminhos (A e B), constando o primeiro da respectiva planta, mas o segundo não.

Como o principal interessado no caminho B limita e está ligado à via pública, muito grato lhe ficaria se tivesse a bondade de me informar se sou obrigado a dar-lhe passagem, tendo em consideração que normalmente utiliza o caminho A.

O caminho B provém do antigo dono da Sub-divisão n.º 2 ter sido arrendatário da Sub-divisão n.º 3 e esta ter ligação com o apeadeiro ferroviário de Belas (linha pontuada a encarnado), através dos aforamentos n.ºs 8 e 3.

A Sub-divisão n.º 3 e os aforamentos 8 e 3 são actualmente meus, mas estiveram praticamente abandonados durante muitos anos, por terem sido legadas à Câmara Municipal e esta só há pouco as ter vendido na hasta pública.

Devo ainda esclarecer que a estação ferroviária de Garuso fica muito mais perto da residência do dono da Sub-divisão n.º 2 do que do apeadeiro de Belas.

RESPOSTA — 1. A consulta é escassa em dados para que se possa saber

como se constituiu essa servidão de passagem.

Que não é uma servidão legal facilmente se conclui pelo facto da Sub-divisão n.º 2 não estar encravada, pois tem ligação directa com a via pública.

Não se pode também considerar que essa servidão tenha sido constituída por ambos os prédios terem pertencido ao mesmo dono (a chamada constituição por destinação do pai de família), pois, como o senhor consulente diz, o proprietário da Sub-divisão n.º 2 era só arrendatário da Sub-divisão n.º 3 e não seu proprietário.

É por outro lado duvidoso que ela se tenha constituído por usucapião, dado o arrendatário ser unicamente um possuidor em nome alheio; no entanto, não será de afastar esta hipótese, pois o actual proprietário da Sub-divisão n.º 2 não é o mesmo que arrendou as parcelas contíguas e, assim, pode em relação a ele, terem-se verificado os pressupostos necessários para que se desse a referida usucapião.

Quer isto dizer que, a referida servidão (se é que, de direito, existe, pois, de facto, ela, sem dúvida, lá está, materializada no caminho) só pode ter sido constituída por usucapião, por contrato ou por testamento.

2. Se ela se constituiu por usucapião (que é a aquisição do direito pela posse, mantida por certo lapso de tempo — art. 1287.º do Cód. Civil) pode judicialmente ser julgada extinta, desde que se mostre desnecessária (n.º 2.º do art. 1569.º do Cód. Civil).

Se se constituiu, por qualquer outro modo, já só poderá extinguir-se:

a) Pela reunião das duas propriedades no domínio da mesma pessoa;

b) Pelo não uso durante 20 anos;

c) Pela aquisição, por usucapião, de liberdade de propriedades;

d) Pela renúncia do proprietário do prédio que dela se utiliza. (art. 1569-1 do Cód. Civil).

Pode no entanto ser requerida a sua mudança (art. 1568.º do Cód. Civil), mas não parece que seja isso o que interessa ao senhor consulente. — A. M. O. Pinheiro Torres.



INFORMAÇÕES

3.º Jogos Florais Luso-Brasileiros do Grupo Desportivo da C.U.F.

O Grupo Desportivo da Companhia União Fabril levou a efeito os 3.ºs Jogos Florais Luso-Brasileiros (8.ºs Nacionais), manifestação cultural sempre interessante e interessando o povo de poetas que é o português.

Nada menos de 1458 composições distribuídas pelas diferentes classes, e isto sem contar com as 347 rejeitadas.

Os premiados foram:

Poesia Obrigada a Mote — 1.º prémio — Da autoria de Isabel de Oliveira Pulquério; 2.º — Alfredo João Pimenta Martins Pereira; 3.º — Isabel de Oliveira Pulquério e mais 6 menções honrosas.

Poesia Lirica — 1.º prémio — «História de cidades arrumadas», de Jorge Silveira Machado; 2.º — «Armas fabulosas», de Jorge Silveira Machado; 3.º — «Humani ronda», de Maria Manuela Barros F. G. Meireles e mais 6 menções honrosas.

Soneto — 1.º prémio — «Poema duma noite», de Isabel de Oliveira Pulquério; 2.º — «O mar», de Isabel de Oliveira Pulquério; 3.º — «Vou alisando o coração da hora», de Maria Manuela B. F. Graça e mais 6 menções honrosas.

Quadra — 1.º prémio — Da autoria de Virgílio G. Assunção; 2.º — Américo Ferrer Lopes; 3.º — Manuel Abrantes e mais 12 menções honrosas.

Conto — 1.º prémio — «A Velha», de João José Matos Boavida; 2.º — «Chove sangue nas terras de Catinço», de Cyro de Mattas; 3.º — «O fundo da verdade», de João Manuel Varregoso Cupertino e mais 8 menções honrosas.

Nauticampo

Pode parecer estranho que uma revista da índole da «Gazeta das Aldeias» refira a inauguração no passado dia 11 do corrente e na Feira Internacional de Lisboa do certame NAUTICAMPO e contudo isso nada tem que mereça reparo. É que as actividades do turismo, mormente as que tomam as pessoas de campismo, pesca em águas interiores, caça, etc., têm implicações cada dia maiores com a agricultura, umas positivas no sentido desta poder colher benefícios do prazer que os cidadãos procuram no campo e que estão a ser largamente explorados em certos países mormente no campismo e no turismo de montanha, outras infelizmente negativas quando a falta de educação do

cidadino vai prejudicar, consciente ou inconscientemente, o labor árduo do agricultor ou perturbar-lhe a sua mentalidade com atitudes menos recomendáveis.

Como se vê são grandes as relações que se podem estabelecer entre a exposição NAUTICAMPO e a agricultura. Enquanto uns procuram realizar «a maravilha, surpreendente e aliciante de viver em contacto com a natureza» e o sector rural lhe faculta essa possibilidade, seria bem oportuno que os departamentos encarregados do turismo estudassem a promoção das relações entre as duas actividades.

Feira Nacional de Agricultura

Feira do Ribatejo — Santarém

Eden visita a Feira de Santarém

A ilustre personagem que é o antigo Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Sir Anthony Eden (actual detentor do título de Lord Avon), desloca-se a Portugal exclusivamente para, como enviado especial da Associação Inglesa de Criadores de Gado Hereford (Hereford Herd Book Society), fazer a entrega no dia 2 de Junho em cerimónia a efectuar na Feira Nacional de Agricultura, de uma taça ao criador do melhor toiro ou novilho Hereford apresentado no Concurso que a Associação Portuguesa de Criadores de Gado Hereford promove nessa ocasião em colaboração com a Comissão Executiva da Feira e sob orientação técnica da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários.

É de notar, que é a primeira vez na História, que o Patrono se desloca a outro país em funções oficiais, dando, tanto por este facto, como pela personagem de que se trata, singular importância à taça oferecida.

Robert Anthony Eden nasceu em Junho de 1897, é casado com a filha do falecido Major John Spencer Churchill e sobrinha do falecido Sir Winston Churchill. Frequentou o famoso Colégio de EATON e mais tarde a Universidade de OXFORD. Serviu nas fileiras na primeira Grande Guerra, entrando no Parlamento pelo Partido Conservador em 1922. Da sua distinta carreira, salientam-se os seguintes altos cargos.

Secretário Parlamentar do Ministro dos Negócios Estrangeiros (1926-1929), Ministro dos Negócios Estrangeiros (1935-1938), Ministro da Guerra (1940 e 1945), Ministro dos Negócios Estrangeiros

(1945-1951), Vice Primeiro Ministro e de novo Ministro dos Negócios Estrangeiros, para culminar com a ocupação do lugar de Primeiro Ministro de Inglaterra (1951 a 1957).

Actualmente, além de outros, ocupa os cargos de Reitor da Universidade de Birmingham, Presidente da Royal Shakespeare Theatre e Patrono da Hereford Terd Book Society. É Cavaleiro da Ordem da Jarreteira, Membro do Conselho Privado e foi condecorado em guerra com o Military Cross.

Antes dele foram Patronos da Hereford Herd Book Society, S. A. R. o Príncipe Consorte em 1858, seguido de S. M. a Rainha Victória, S. M. o Rei Eduardo VII, S. M. o Rei Jorge V, S. M. o Rei Eduardo VIII, S. M. o Rei Jorge VI, S. A. R. a Princess Royal e Sir Richard Cotterell, todos os quais à excepção do Rei Eduardo VIII eram criadores de gado de pedigree Hereford.

A manada de Sir Anthony Eden (Lord Avon), foi fundada em 1961 com o nome de AVON e encontra-se em Kepnal Manor, Pewsey, Wiltshire, contando com inúmeros sucessos, particularmente no campo da exportação e do Harrogate Performance Tests.

Inauguração das novas instalações John Deere da S. C. Guérin

Com a presença do Senhor Secretário da Agricultura e de elevado número de individualidades oficiais e representativas da Lavoura Nacional, inaugurou a Soc. Com. Guérin no passado dia 26 de Março, em Pedrouços, junto da Av. da Índia, um seu novo Departamento dedicado inteiramente à sua nova representação John Deere. A receber os



Um aspecto da inauguração

Propagar e difundir a GAZETA DAS ALDEIAS, concorrendo para o aumento da sua assinatura, é um dever que se impõe aos que da Terra e para a Terra vivem

seus convidados estava todo o Conselho de Administração desta Empresa à frente do qual se encontrava o seu Presidente Ex.^{mo} Sr. José da Silveira Machado, assim como os Directores do novo Departamento. Da John Deere deslocaram-se expressamente para o efeito oito membros da sua Administração, inclusive o Sr. F. T. Mcouire, seu Vice-Presidente.

Agradeceu a presença de todos o Administrador Ex.^{mo} Sr. José Duarte Ramos Jorge, que em palavras concisas definiu os propósitos que a Guérin se propõe seguir como impulsionadora da motomecanização agrícola e industrial, tão necessária ao desenvolvimento económico do nosso País.

A nova representação de que agora dispõe, não só pela elevada qualidade dos seus produtos mas também pela sua enorme variedade, permite esperar que venha a projectar-se no nosso País com a mesma amplitude como se vem afirmando no resto do Mundo, nomeadamente nas Américas.

Para tal, a Guérin propõe-se mobilizar todos os seus recursos que ao longo dos seus 50 anos vem adquirindo. Seguiu-se uma visita à Exposição que ocupava toda a área do seu vasto armazém. Decorado e documentado com o requinte já habitual nestas demonstrações públicas levadas a efeito pela Guérin, proporcionou a todos a melhor impressão, nomeadamente à ilustre representação de John Deere que não hesitou em a classificar como o melhor que se tem feito no género na Europa. Uma série de fotografias históricas em grandes ampliações, sugeria o início da mecanização agrícola. Seguiam-se-lhe documentos também fotográficos do que é a John Deere no mundo, com a vastidão das duas instalações comerciais, industriais e de investigação. Alguns gráficos e fotografias patenteavam o desenvolvimento que este Departamento tem vindo a registar. Seguiam-se algumas máquinas agrícolas, tais como Ceifeiras Debulhadoras, Tractores de diversos tipos e tamanhos e variadíssimas alfaías, sobre as quais o Director da Divisão Agrícola prestou as indicações que lhe eram solicitadas. Do outro lado do salão encontrava-se representada a Divisão Industrial com algumas das enormes máquinas da sua linha de produção, sobre as quais o seu Director prestava a todos a melhor atenção e dava os esclarecimentos que os interessados lhe pediam. Figuravam também os veículos de assistência, transporte e instrução, que afirmavam com a sua presença, a certeza de que os propósitos da Guérin estavam já a ser seguidos. Um beberete foi depois oferecido a todos os convidados que serviu de pretexto para sinceras e merecidas felicitações à Administração pela forma penhorante como recebeu os seus convidados e pela impressão de verdadeiro requinte como levou a cabo a exposição que a todos foi dado apreciar.

Sr. Lavrador:

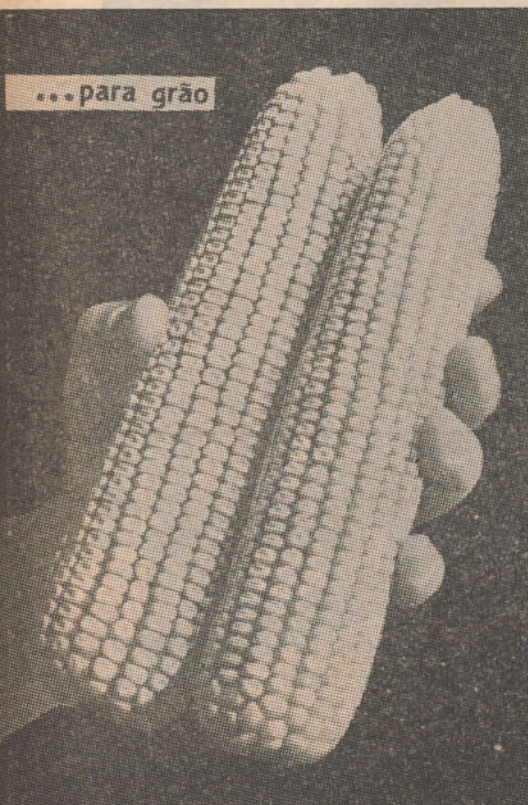
os Milhos Híbridos D. M. B.

da Missão Biológica da Galiza (Espanha)

DE «CAULE AÇUCARADO»

4191

d ã o mais grão * mais forragem * mais lucro



...para grão



para forragem

Peça lista aos Agentes Importadores exclusivos:

CASA DAS
SEMENTES

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos

Rua de S. João, 111 * PORTO * Telefone, 35101

SABE O QUE É «HAYGRAZER»? É a nova
forragem que revolucionou a agricultura pelos seus múltiplos usos!

«HAYGRAZER» para { *Forragem verde*
Pastagem de verão
Feno
Ensilagem
Adubação orgânica } Abre um novo
caminho
à Lavoura



Gado pastando sobre o «HAYGRAZER»

«HAYGRAZER», pelas suas altas produções, qualidade, apetência pelo gado, alto teor sacarino, resolve os seus problemas de alimentação de todo o gado de engorda ou de leite

«HAYGRAZER» — a planta milagrosa diferente de todas as forragens!!!

Cresce mais de 6 cm por dia!!! Basta 1 mês para o 1.º corte!!!

Cuidado com as imitações...

*Pedidos e informações aos Representantes Exclusivos
para todo o território Português:*

4191

Casa das Sementes — Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos

109, Rua de São João, 111 — PORTO — Telefone, 35101 — Teleg. «Sementes»



AS "pragas"
E "doenças"
DAS VOSSAS
CULTURAS SÃO
PREOCUPAÇÃO
CONSTANTE DOS
TÉCNICOS
DA CUF



evite o mildio

COM
Aspor

* rápida acção fungicida, persistente e estimulante

* combate o mildio da videira, batateira e tomateiro

* eficácia comprovada
por inúmeros ensaios e vários anos de aplicação
Consulte o folheto e antes de usar leia o rótulo da embalagem.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL 100 anos ao serviço da Lavoura
Depósitos e revendedores em todo o País

4330

Titanol

- Bactericida polivalente
- Fungicida
- Viricida

- Desinfectante externo muito concentrado
- Pó solúvel na água
- Desinfecção das salas e locais de criação animal
- Lavagem e desinfecção do material de exploração pecuária.

Especialmente indicado nas
Explorações Avícolas e Porcinas

Apenas uma dose
em 50 litros de água
de lavagem ou de pulverização
7 centavos por litro de solução
desinfectante

King
LABORATOIRE

o mais importante
laboratório francês de
produtos para pecuária.

- * Representantes em Portugal
- * F. LIMA & C.ª SUCR., L.ª
- * Departamento Pecuário
- * Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.ª
- * Telefone 4 47 37 - Lisboa 1

4401

Galinhas

Evita e combate doenças de todas
as aves AVIOSE

Suínos, Bovinos

(Contra o fastio) - Fortifica e engorda
. . . VITA-CEVA

Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias,
complicações intestinais, etc.

. . . SOLTURIN

Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou
resíduos «Cálcio + Vitaminas e
Antibióticos» (Mais economia e
eficiência)

Laboratório da Farmácia Pinho

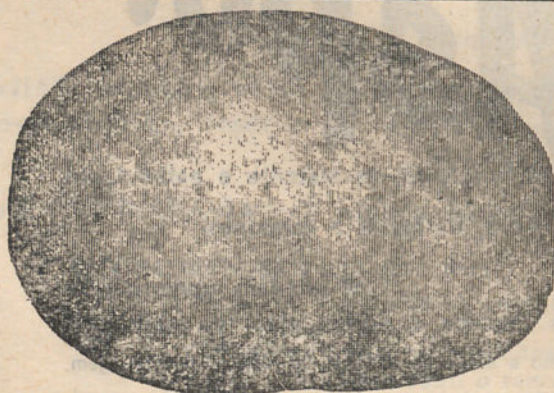
GUIA — LEIRIA

4309



Patoran

Contra as ervas daninhas. Menos
trabalho na cultura da batata.



BASF Portuguesa S.A.R.L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5º
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 1408 p

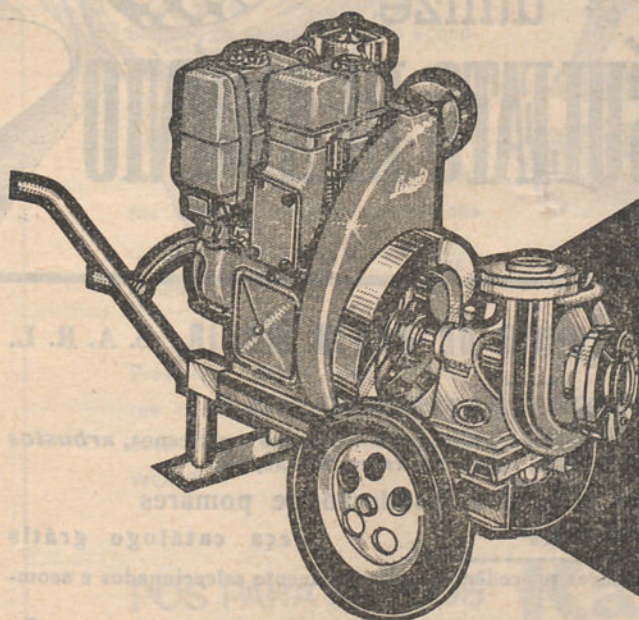
Lister

**GRUPOS
MOTO • BOMBA
DIESEL**

**MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
ÁGUA DESDE
3.5 H. P.**

- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PERMANENTE
•
ENTREGAS
IMEDIATAS**



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto

Candeia que vai à frente alumia duas vezes

A Casa Malta
continua a fornecer
nas melhores condi-
ções todos os tipos de:

A d u b o s
Insecticidas e
Fungicidas
M á q u i n a s
agrícolas

e ainda toda a varie-
dade de

Sementes

para *Horta, Prado*
Jardim e Pastos.

Bolbos

recebidos directa-
mente da Holanda
Jacintos, Narcis-
os, Iris, Tulipas,
Ranúnculos,
Anémonas,
etc., etc.



No seu próprio inte-
resse, consulte sempre

Malta & C.^a L.^{da}

R. Firmeza, 519 — PORTO
Telefone, 20315

2697



PROCESSOS NOVOS DA CULTURA
DO MIHO, PODERÃO FAZER DOS
SEUS CAMPOS OS PRIMEIROS
DA SUA ALDEIA

utilize

SULFATO DE AMÓNIO

A.P. 6/A

3104

Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria, S. A. R. L.

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

Plantas vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sêbes, para parques e avenidas, *roseiras, trepadeiras*, etc.

Serviços de assistência técnica e Instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

□ *Gado bovino leiteiro* (Holstein-Frisian)

□ *Suínos da raça Yorkshire* (Large White)

9684

Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

Departamentos de venda:

Viveiros: — Carreira — Silveiros (Minho) — Telef. 96271 — NINE

Gados: — Apartado 4 — Barcelos — Telef. 82340 — Barcelos

Crescimento acelerado e o seu lucro melhorado !

O seu lucro será tanto maior quanto mais rápido for o crescimento dos seus animais.

KARSWOOD, é um suplemento alimentar que abre o apetite e ajuda o desenvolvimento dos seus leitões, porcos de engorda e marrãs de criação.

Simples de utilizar e de uso económico (uma caixa de 12 doses custa apenas 12\$50), os PÓS KARSWOOD (1), são ainda eficazes na prevenção e cura de catarros e outras inflamações, estados febris benignos, resfriados e outras maleitas.

Previna-se contra esses dissabores e acelere o crescimento dos seus porcos usando PÓS KARSWOOD



(1) COMPOSIÇÃO: Sesquióxido de ferro, Hipofosfito de ferro, Sulfato ferroso anidro, Sulfato de cálcio, Hipofosfito de cálcio, Fosfato de cálcio, Hipofosfito de magnésio, Magnésia calcinada, Hipofosfito de manganês, iodeto de potássio, Enxofre e Fenoltaleína.

Experimente acrescentar Karswood «Poultry Spice» às rações das suas aves de capoeira. Veja os resultados no aumento da postura, na maior fertilidade, na resistência às doenças.

PÓS PARA PORCOS

Karswood

F. LIMA & C.^a SUCR., LDA. — DEPARTAMENTO PECUÁRIO
Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.º • Telef. 44737 • LISBOA-1

Polysulfamide C

PÓ SOLÚVEL NA ÁGUA DA BEBIDA

associação de:

- 3 SULFAMIDAS ESPECÍFICAS
- E... VITAMINA C

Actua eficazmente sobre os estafilococos, estreptococos, pneumococos, salmonellas, colibacilos, pasteurelas e coccidias, causadoras das mais variadas doenças das galinhas, pombos, patos, perús, faisões, coelhos e porcos.

O produto que deve existir sempre

Em cada Aviário

Em cada Exploração Porcina



o mais importante laboratório
francês de produtos para
pecuária.

Representantes em Portugal

F. LIMA & C.^A, SUCR, L.^{DA}

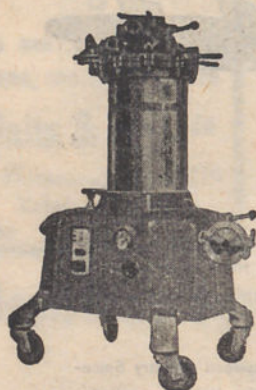
Departamento Pecuário

Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.º - Lisboa 1

Telefone 447 37

P.3

4104



Filtros — De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.

Wino — Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.

Tartrix — O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.

Collogel — O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRÍCOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

4048

A QUALIDADE prova-se com factos



No combate aos míldios da vinha, da batata e do tomate, ANTRACOL prova com factos, com resultados positivos, a sua alta qualidade. Eis alguns factos que justificam a confiança que o Lavrador dispensa ao ANTRACOL e testemunham, na prática, a garantia de qualidade BAYER:

PODEROSA ACÇÃO FUNGICIDA

ANTRACOL, bem aplicado, forma uma barreira defensiva que o míldio e o pedrado das macieiras não conseguem atravessar.

PERSISTÊNCIA INULTRAPASSADA

ANTRACOL mantém-se activo durante um período que nenhum outro fungicida orgânico ultrapassa.

ACÇÃO INIBIDORA DO AVERMELHAMENTO

ANTRACOL retarda ou impede o avermelhamento precoce, ou vermelho, nas vinhas do Minho.

APLICAÇÃO INDICADA DA PRIMEIRA À ÚLTIMA CURA

ANTRACOL, devido às suas qualidades, recomenda-se para aplicação exclusiva da primeira à última cura.

PERFEITA MARCAÇÃO DAS PLANTAS TRATADAS

ANTRACOL marca perfeitamente de azul as videiras tratadas.

ECONOMIA NA APLICAÇÃO

ANTRACOL, na sua aplicação, é

provadamente um dos fungicidas mais económicos do mercado.

ACÇÃO SECUNDÁRIA CONTRA O OÍDIO

ANTRACOL, usado regularmente, limita o aparecimento do oídio.

EFEITO CONTRA A DESFOLHA

ANTRACOL elimina totalmente o perigo da desfolha precoce nas macieiras "Golden".

AUSÊNCIA DE EFEITOS FITOTÓXICOS

ANTRACOL permite que toda a planta se desenvolva naturalmente.

DOSES JÁ PESADAS SEM AUMENTO DE PREÇO

ANTRACOL apresenta as suas doses de emprego normal já pesadas, dentro da embalagem de expedição.

GARANTIA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA BAYER

ANTRACOL tem a garantia de qualidade BAYER e assistência técnica em qualquer ponto do país.

Antracol

VENCE O MÍLDIO



Srs. Avicultores
para
cada caso
uma especialidade

LABORATOIRE
King

Laboratório

o mais importante laboratório francês
de produtos para pecuária.

Coriza
e outras
Doenças
respiratórias
Coryciline
Alvamyline
Aerociline

Vermes
Monophene
Polyphene

STRESS
Oxazone
Polyvit

**Endurecimento
das cascas**
Synal

**Coloração
do ovo**
Ovicolor

**Coloração
da carne
do frango**
Totaluz

Coccidiose
Sulfadiazine

**Doenças
infecciosas**
Polysulfamide C

Choco
Antiprolactine

**Tónico
e estimulante
da postura**
Polyvit
Iodothyroxine

Desinfecção
Titanol

Desparasitação
Antex
Kal-Blanc

Desratização
Tridicoumarol

Peça informações aos nossos serviços
técnicos sobre os casos de utilização
de cada especialidade.

Representantes em Portugal

F. LIMA & C.^a SUCR., L.^{da}
Departamento Pecuário

Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.^o - Lisboa 1
Telefone 4 47 37

* **Correias**
* **Mangueiras**
* **Colas**

3643

GOOD YEAR

Distribuidores Exclusivos:

CANELAS & FIGUEIREDO, L.^{da}
Rua dos Fanqueiros, 46 - LISBOA

UM LADRÃO...



Que ameaça a vida e a economia
dos povos, pelas doenças que pro-
paga e os haveres que destrói.
Façamos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS ZAZ
Destruidores de Ratos, Ralazanas, Toupeiras, etc.

"Um ladrão"

que ameaça a vida e
a economia do País.

Façamos-lhe guerra
por intermédio do
Raticida ZAZ pó,
à base de Arsénico.

Raticida ZAZ
grão, à base de
Arsénico.

**ZAZFARIN Rati-
cida** anticoagulante, à base de Warfarina.

INSECTICIDAS

ZAZ Formiga—Destrói em poucos minu-
tos todas as Formigas.

ZAZ Barata—Destrói em pouco tempo
todas as Baratas.

ZAZANIL líquido e em **pó**—Desinfec-
tante poderoso dos Corrais, Pocilgas, Capoeiras,
Caniz, Coelheiras, etc.

Sarna dos animais, mata Carraças, Piolhos,
Pulgas, etc.

Preparado na:

Fábrica dos Produtos ZAZ
Quinta de Santo António—COVILHÃ

O Caminho de Ferro

é o transporte ideal,

pois é seguro, rápido

prático e económico.

FERTOR

um fertilizante orgânico

mais barato melhor
que o estrume que o estrume

**Indispensável em todos os solos
e culturas exigentes
de matéria orgânica
e em especial nas terras esgotadas
e muito lavadas pelas chuvas**

* * * * * D I S T R I B U I D O R E S * * * * *

FERTOR

Ermesinde
Telef. 9891451 - Porto

SAPEC

R. Vítor Cordon, 19 - Lisboa
R. Sá da Bandeira, 746-1.º Dto. - Porto

FERTOR É FARTURA

AGENTES EM TODO O PAÍS

Sachadores e Semeadores

"PLANET"

Charruas de 1 ou 2 leivas

Grades de Molas ou de Discos

Descaroladores, Debulhadoras

Tararas de vários tamanhos

Tractores

"INTERNATIONAL"

Atrelados **"AGROS"**

tipo Montanhês e Estrada, etc.

Todo o material Agrícola em Geral, assim como:

Sementes para Horta, Prado e Jardim

e

Adubos para todas as culturas

27/47

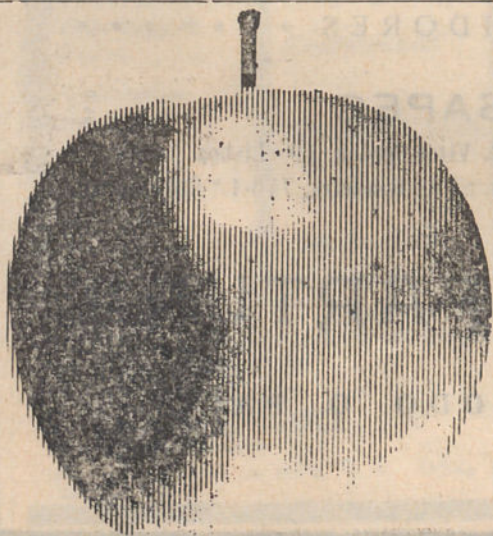
Consulte o:

Centro Agrícola e Industrial, Limitada

307, Rua de Santa Catarina, 309 * Telef. 25865/66 * PORTO * Teleg. AGROS



® Polyram-Combi



Fungicida orgânico contra os pedrados da macieira e pereira e lepra do pessegueiro.

BASF Portuguesa S.A.R.L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5º
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117-19

BASF

Sr. Agricultor:

Se pretende obter um maior rendimento com a cultura dos milhos (grão ou forragem) . . .

Se pretende evitar as sachas,

Se pretende um maior aproveitamento dos fertilizantes,

Se pretende dispor do pessoal utilizado para as sachas, para outros trabalhos na sua propriedade,

então . . . aplique o

GESAPRIME 50

Com este herbicida, de fácil aplicação, mesmo que não consiga fazer o tratamento **logo após a sementeira do milho**, seja por falta de tempo ou porque as condições meteorológicas o não permitam . . .

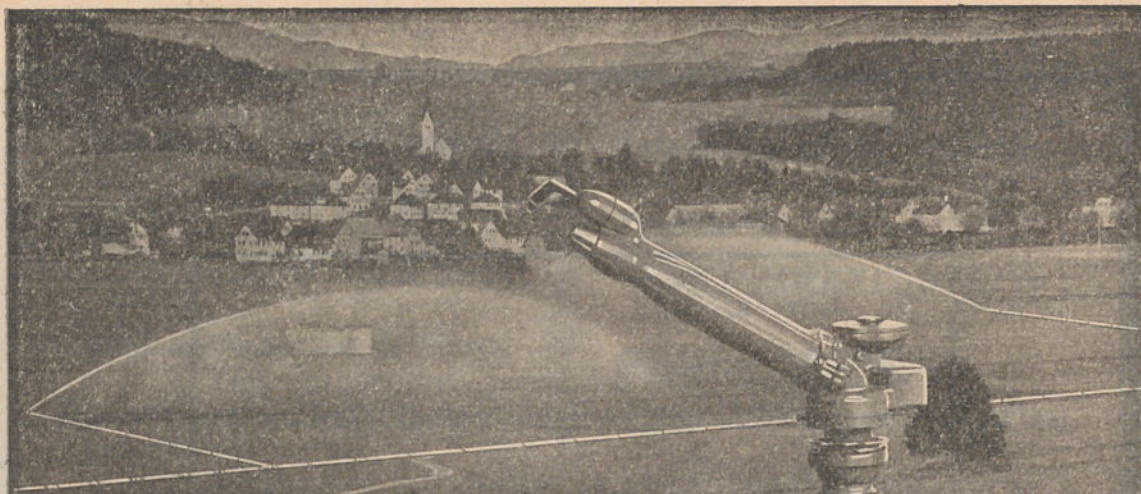
terá a possibilidade de tratar, mesmo até 15 dias após a sementeira, já com as ervas nascidas.

Peça instruções a

Carlos Cardoso - Anilinas e Produtos Químicos, S.A.R.L.

Rua do Bonjardim, 551—PORTO
Av. da República, 14—LISBOA

4411



Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

4412

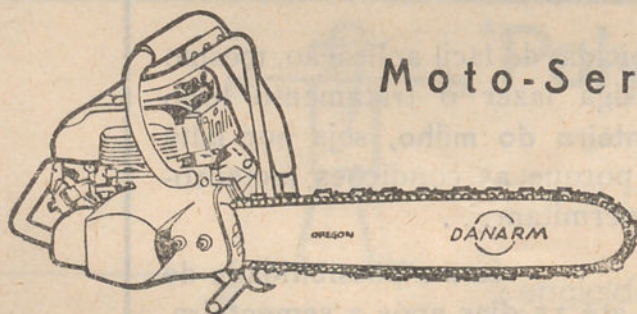
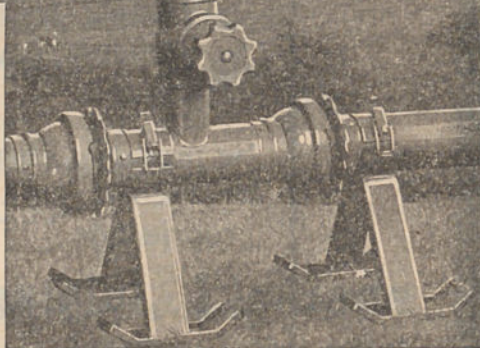
Rega por Aspersão (CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Representante Geral:

Eng.º Paulo C. Barbosa

Pr. Liberdade, 114-4.º
Telef. 20866 — PORTO



Moto-Serras Inglesas

“DANARM”

4201

CASA CASSELS 191 — Rua Mousinho da Silveira — PORTO



SEMENTES

1802

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Feijões de vagem de trepar e anão, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Bay-grass, Sorgo do Sudão, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER de preferência às sementes que com todo o esmero lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

B. N. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

**O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

***OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:***

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

E AINDA

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



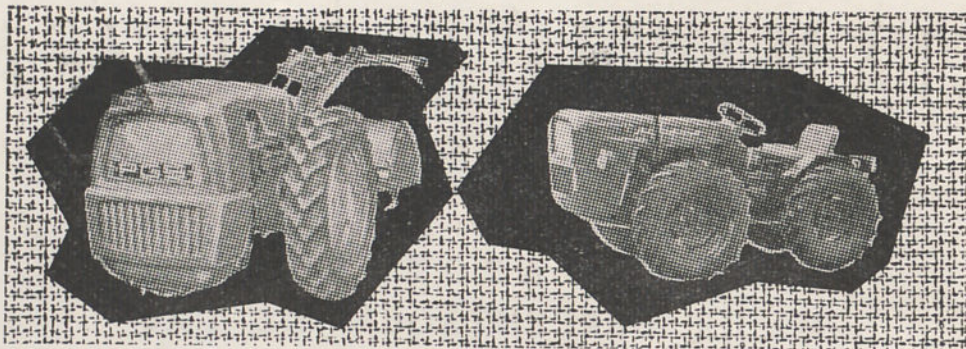
COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

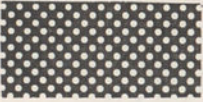
**INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM**



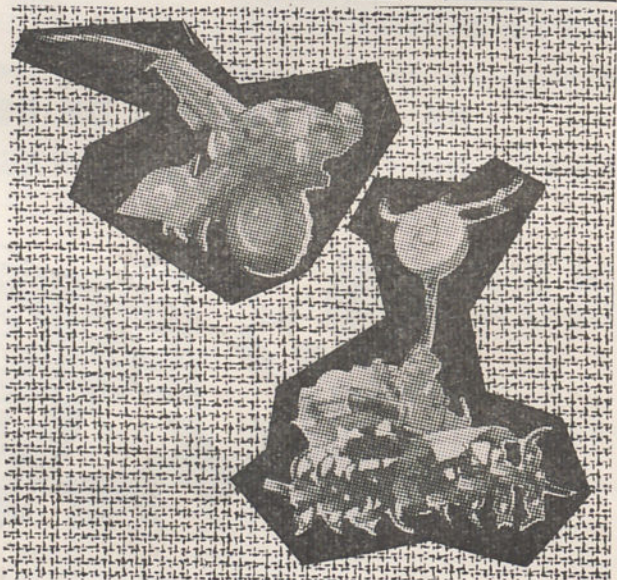
**SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989**

J.J.Goncalves Sucrs. ao serviço da lavoura



R+E resistência
 **2** mais eficiência
qualidades dos
motocultivadores

FGS



**a linha de tractores vinhateiros e moto
cultivadores mais completa e actualizada
do mercado vendida pelo melhor preço**



PORTO—RUA DE ALEXANDRE BRAGA, 36

Agências ou Filiais em todos os distritos